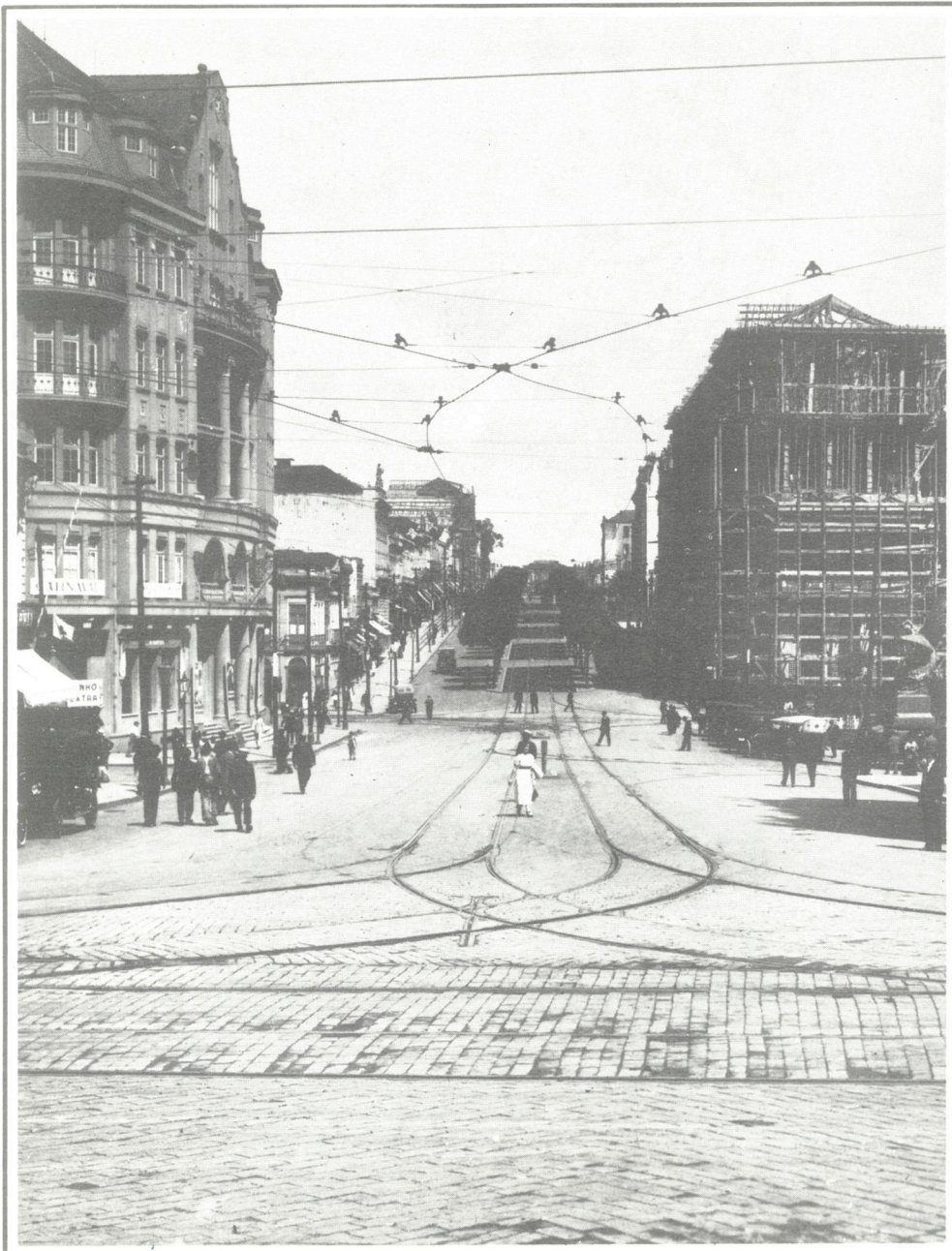


# MEMÓRIA

UMA PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ELETROPAULO-JANEIRO/FEVEREIRO/MARÇO DE 1989



Suptcia. de Comunicação



**cultura**  
PAISAGENS  
PAULISTANAS  
NA OBRA  
DE ALCÂNTARA  
MACHADO

**especial**  
100 ANOS  
DE REPÚBLICA  
E 90  
DE FUNDAÇÃO  
DA LIGHT

FOTOGRAFIA

## RETRATOS DA SÃO JOÃO

**E**m 1989, a Light – hoje Eletropaulo – completa noventa anos de fundação. Para o início das comemorações, publicamos no final do ano passado uma edição especial de *Memória*: “Uma breve história da Eletropaulo, da fundação da Light, em 1899, aos nossos dias”.

1989 é, por sinal, um ano pródigo em eventos: dois séculos de Revolução Francesa, Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, Inconfidência Mineira e centenário do regime republicano no país.

Nesta edição, abordamos os acontecimentos mais ligados à história da empresa – 100 anos de República e 90 de fundação da Light. Motivo: do governo Campos Salles (1898-1902) aos dois períodos de Getúlio Vargas (1930-1945 e 1951-1954), da era JK (1956-1961) ao Regime Militar, a empresa canadense conviveu política e economicamente com a vida republicana. Assim, acompanhe no caderno especial de *Memória* a análise de historiadores (José Antonio Segatto e Ricardo Maranhão), testemunhos e depoimentos de pessoas que, dentro ou fora da empresa, acompanharam momentos importantes da Light em São Paulo.

A cidade de São Paulo está presente ainda no ensaio fotográfico “Retratos da São João”, dos pesquisadores José Alfredo O. V. Pontes (texto) e Carlos Sérgio da C. Lima (fotos). São *flashes* de uma avenida que, hoje, está em parte desfigurada por uma via expressa, mais conhecida como Minhocão. Mas, na seção Cultura, continuamos a percorrer as ruas de São Paulo, agora seguindo os passos do cronista, repórter e contista Antonio de Alcântara Machado. Na pesquisa de sua obra, feita por Nádia Gotlib, da USP, uma viagem pelas paisagens paulistanas.

Chegamos, agora, ao bairro do Cambuci, precisamente nas Oficinas Gerais da Eletropaulo. Conheça sua história no texto da jornalista Milena de Castro Silveira. Em seus amplos galpões estão parcelas significativas da saga lightiana.

Finalmente, voltamos a lembrar: se você, lightiano ou não, tiver documentos ou fotos que possam enriquecer a história da Light no país, colabore com a gente. Escreva para *Memória*, rua Cel. Xavier de Toledo, 23 CEP: 01048 - São Paulo - SP.

Roniwalter Jatobá

**CAPA**

A avenida São João, em 1921; 2ª e 3ª capas: trabalhadores da Light instalam uma torre para linha de transmissão, em 1960. Importante: as fotos usadas em *Memória* só serão creditadas quando não pertencerem ao acervo Eletropaulo.

**CORREÇÕES:** em *Memória* nº 1, pág. 7, as legendas de fotos estão invertidas; em *Memória* Especial – Uma breve história da Eletropaulo, Denise Mendes, Guilherme F. de Assis e Renato Dimiz forneceram alguns dados para a pesquisa da história da Light.



**MEM**

ANO II - Nº 2 JANEIRO

**JORNAL**

4 Notas sobre a presente da Eletropaulo e a história da memória

**FOTOGRAFIA**

9 As imagens da paulistana

**ESPECIAL**

15 A avaliação dos depoimentos e oventa anos de comemoração e centenário

**CULTURA**

35 A análise do cronista-repórter Antonio de Alcântara Machado. Por Nádia USP.

**PESQUISA**

40 A história da Light no Cambuci, da fundação a hoje.

**PALAVRA FINAL**

46 A opinião do presidente e vice-governador sobre a presente



# MEMÓRIA

ANO II - Nº 2    JANEIRO/FEVEREIRO/MARÇO DE 1989

## JORNAL

4 Notas sobre o passado e o presente da Eletropaulo e a preservação da memória da Light.

## FOTOGRAFIA

9 As imagens de uma famosa avenida paulistana – a São João.

## ESPECIAL

15 A avaliação de historiadores, depoimentos e lembranças dos noventa anos de fundação da Light e centenário da República.

## CULTURA

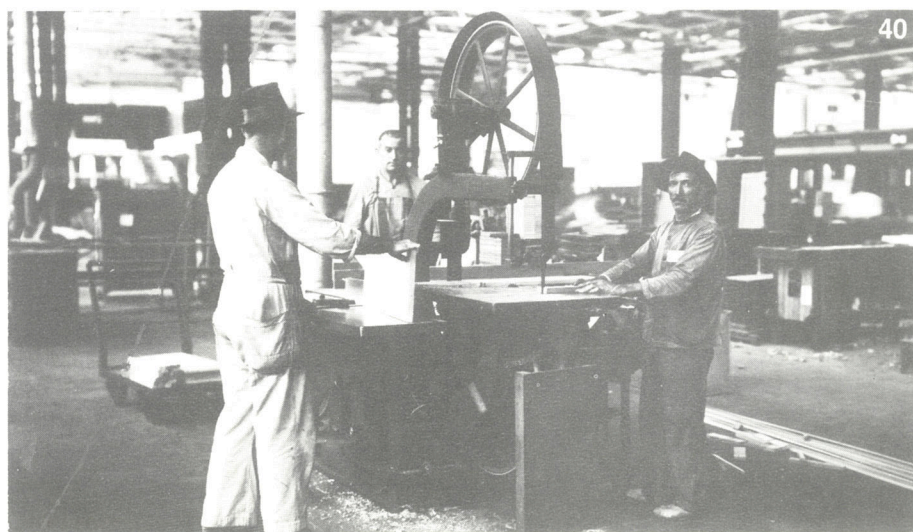
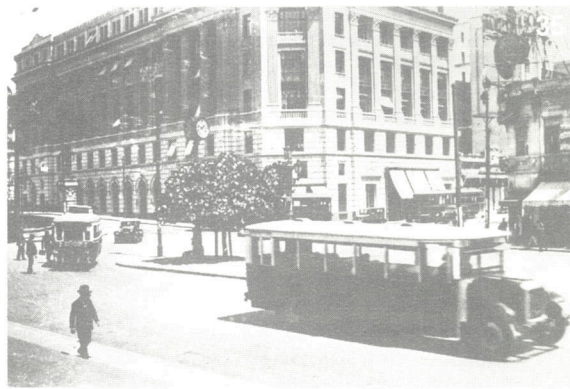
35 A análise da obra do contista-cronista-repórter Alcântara Machado. Por Nádia Gotlib, da USP.

## PESQUISA

40 A história das Oficinas Gerais do Cambuci, da sua criação aos dias de hoje.

## PALAVRA FINAL

46 A opinião de Almino Affonso, vice-governador de São Paulo, sobre a preservação da memória.



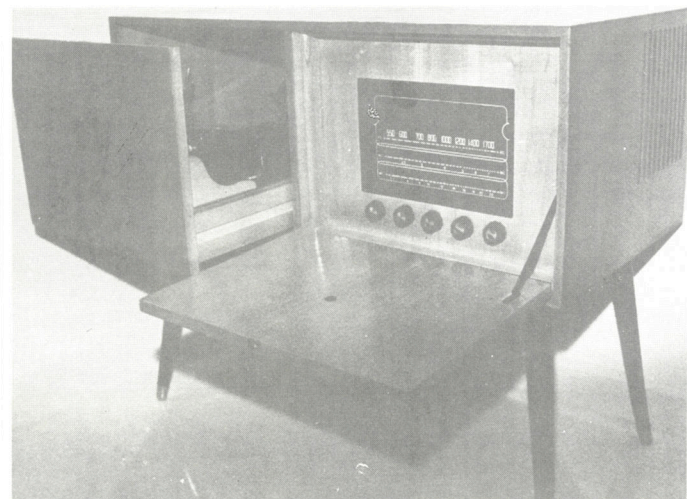
ACERVO

Anos dourados

Sobretudo a partir dos anos 50, cresce a aplicação da energia elétrica nos lares paulistanos. Assim, configura-se um novo estilo de vida na "cidade que mais cresce no mundo": as tarefas domésticas tornam-se menos estafantes com a difusão de geladeiras, fogões, aspiradores e máquinas de lavar. Com a chegada de televisores, por exemplo, os aparelhos domésticos passam a fazer parte do dia-a-dia, alterando, inclusive, a convivência familiar e impondo um reordenamento nos espaços interiores das residências.

Em São Paulo, um colecionador tem acompanhado esta história recente. Estamos falando de José Carlos Thomé - o Cau -, 37 anos, que, em seu amplo apartamento no bairro do Itaim Bibi, preserva aparelhos originários das décadas de 40 e 50. Ali, ele reúne cerca de quarenta peças que conferem ao cenário contemporâneo um toque nostálgico. São ferros de passar, rádios, vitrolas, televisores, todos em perfeito estado de conservação.

O seu precioso acervo vem sendo ampliado há

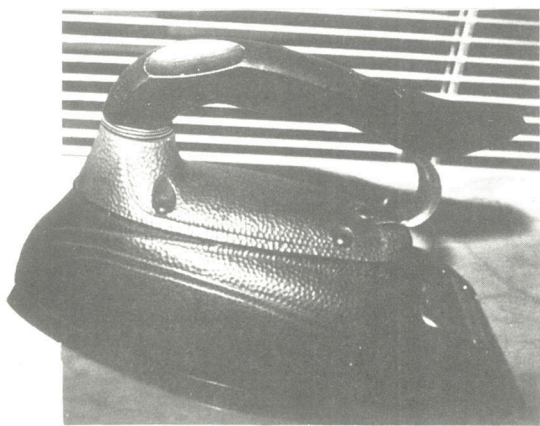


oito anos, principalmente com a contribuição de parentes e amigos. "As pessoas não cultivam guardar objetos desse tipo por muito tempo. Então, acabam doando-os para mim."

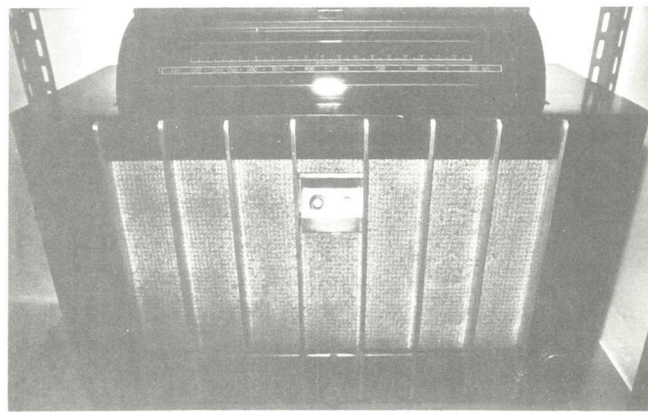
A idéia de construir o seu "patrimônio" partiu da admiração de Cau pelos contornos e formas dos aparelhos. "O perfeito equilíbrio entre o design e a qualidade dos eletrodomésticos dos 'golden fifties' é consequência da atmosfera de prosperidade que permitiu a liberação da criatividade", acredita. "E nenhum outro produto lançado posteriormente chega a ter fisionomia tão simpática."

Para sua família - a mulher Beth e os filhos Tiago e Francisca -, a coleção é, antes de tudo, motivo de prazer. "Apesar da preocupação com a preservação das peças, não me considero um colecionador no sentido clássico", diz. "No caso, ficou estabelecida uma relação de uso com os objetos que há anos fazem parte da minha vida."

Antigos, sim, mas úteis. Ao lado do sofá principal do apartamento, chama a atenção um aspirador de pó prateado, totalmente aerodinâmico, dos anos 50. O "rei da casa", forte símbolo dos anos dourados. Δ



Televisor Philco, com móvel inspirado na arquitetura de Brasília, rádio Telefunken, toca-discos e ferro de passar: peças úteis de uma história recente



ATENDIME

A agência: mais anti

A Eletrop. 106 postos c ao consumid nicipios de distribuição. ca a sua agê ga? Se pen. km de São Pa

Na esquín Souza com 1 Novembro fi tórica agênc numa casa 1 Sim, isso n um século e tência.

Venha con ta-se de um dência senh construída en lã (terra cc formas de ma vimento térre que no sob uma área de centro da ci fachada exte com azulejos Possui 26 jar com 2 mil vid



ATENDIMENTO

**A agência mais antiga**

A Eletropaulo tem, hoje, 106 postos de atendimento ao consumidor, em 74 municípios de sua área de distribuição. Mas, onde fica a sua agência mais antiga? Se pensou Itu, a 114 km de São Paulo, acertou.

Na esquina da rua Paula Souza com o beco 15 de Novembro funciona a histórica agência da cidade, numa casa de 141 anos. Sim, isso mesmo. Quase um século e meio de existência.

Venha conhecê-la. Trata-se de uma típica residência senhorial urbana, construída em taipa de pilão (terra comprimida em formas de madeira) no pavimento térreo e pau-a-pique no sobrado. Ocupa uma área de 500 m<sup>2</sup> no centro da cidade. Tem a fachada externa ladrilhada com azulejos portugueses. Possui 26 janelas e portas com 2 mil vidros, dezesseis



A agência de Itu, o poste da entrada lateral e detalhe da fachada principal: época de "tia" Inácia

cômodos, além de jardim interno com pégulas florais, orquídeas, papoulas.

A casa, claro, tem uma longa história. Sua primeira proprietária – "tia" Inácia – mudou-se para lá em 1847, levando um batalhão de escravos. No final do século, vendeu-a para um sobrinho, incorporador da Companhia Ituana de Força e Luz. Ali, a empresa instalou, em 1906, o seu primeiro escritório.

Em 1922, a Ituana foi comprada pela Brasital, indústria de fiação e tecidos, que, mais tarde, passou-a com todo o acervo para a Light. Então, a empresa canadense fez do casarão a sua primeira agência de energia. "Na época, eu, como funcionário da Brasital, fazia parte do acervo e também fui vendido à Light", lembra com bom humor Victorio Bombana, 83 anos, aposentado desde 1971.

Por 37 anos Bombana morou no casarão. "Naquele tempo, as empresas preocupavam-se com o fato de que, em idade de casar, os empregados tivessem uma moradia para constituir família", conta. "Como era esse o meu caso,

ocupi o casarão, cujo forro era repleto de pombos."

Com 47 anos de serviços prestados à companhia, Victorio Bombana foi o primeiro agente de energia da Light. "Naquele tempo, nem todo mundo tinha energia elétrica", recorda. "E o meu trabalho era convencer a população a ter."

Apesar do tempo, o casarão continua imponente. No andar térreo funciona a agência. O mobiliário, todo em madeira de lei, é da época de "tia" Inácia. No andar superior, fica a residência de Henry Jean Pannossian, 66 anos, o atual

agente, que há dezoito vive ali com a família. "Nos tempos da velha Light, o dr. Lutz (William Roberto Marinho Lutz, superintendente e diretor da Light de 1949 a 1971) era um grande amante do casarão", afirma. "Vinha freqüentemente tomar chá no andar superior comigo e cuidava pessoalmente da conservação."

Portanto, se você for a Itu, dê um pulinho na agência mais antiga da Eletropaulo. Em horário de expediente – de segunda a sexta, entre 8h30 e 16h30 – o histórico casarão pode ser visitado pelo público. Δ





## MANUTENÇÃO

## Sob as águas das represas

Desde a inauguração de Parnaíba, em 1901, a Light contou com o serviço de mergulhadores na manutenção de suas usinas. Para isso, os profissionais usavam um equipamento eficiente e seguro: o escafandro.

Com um peso médio de 70 kg, ele tem capacete de bronze, colarinho, macacão, botas com sola de chumbo. E o mais importante: preso a um cabo ligado à superfície, por onde corre ar, permite ao mergulhador permanecer um longo período submerso. “Com todo aquele peso, o escafandrista tinha que tatear a barragem com as mãos livres e desprotegidas – para não perder a sensibilidade”, conta Luís Fernandes, 57 anos, último escafandrista da Light. “Na escuridão da represa, eu ia tateando e me lembrando dos desenhos das peças e esquemas da montagem. Fora a roupa, ainda usava furadeiras, lixadeiras, serra e maçarico.”

Dentro d’água, o mergulhador devia ainda mover-se com cuidado. Isso, porque simples gestos po-

deriam ser interpretados como sinais: mais de três toques na corda-guia eram perigo e significavam que o mergulhador deveria ser puxado com urgência. “Quem controlava a bomba de ar e dava toda a orientação, através do rádio, era o *fiel*, o ajudante inseparável”, esclarece Luís. Que acrescenta: “A bomba de ar era acionada por até oito homens – dependendo da profundidade do mergulhador – e ficava numa casa flutuante, estacionada no local de trabalho”

Mesmo considerado seguro, o escafandro proporcionou alguns sustos. “Limpar grades e soleiras não era nada; difícil era trabalhar nas comportas que controlam a entrada e a

saída da água”, revela Luís. “Num desses trabalhos, meu braço foi sugado por uma fresta entre uma cunha e a comporta. Depois de vinte minutos, o rádio falhou e, nervoso, esqueci de soltar o ar pelo capacete. Em quarenta minutos, eu estava inchado feito um balão, a ponto de subir com tanta força na descompressão, que pulei uns dois metros acima da superfície.”

A partir dos anos 70, a Light contratou homens-rãs de empresas especializadas para fazer a manutenção das usinas. Explica-se: a técnica de mergulho independente permite maior mobilidade. “Desenvolvido pelo francês Jacques Cousteau, o equipamento de homem-rã é usado desde a Segunda Guerra Mundial”, diz o major Roberto Lemes, do Corpo de Bombeiros de São Paulo. “A única vantagem do escafandrista sobre o homem-rã é que ele pode permanecer horas debaixo d’água sem ter que voltar à superfície para reabastecer-se de ar.”

Luís, no entanto, continuou mergulhando com o escafandro até sua aposentadoria, em 1986. E seu equipamento foi doado ao acervo do Patrimônio Histórico da Eletropaulo, onde hoje é preservado. △



O capacete (acima) e o colarinho de um escafandro da Light: segurança na manutenção de usinas desde o começo do século

## PROPAGANDA

## As vitrines da Xavier

No final dos anos 50, a Light começa a investir em campanhas promocionais de caráter educativo. Com o objetivo de atingir milhares de pedestres que circulavam diariamente pela rua Xavier de Toledo e viaduto do Chá, Ubirajara Martins, chefe do então Departamento de Relações Públicas, resolve utilizar um espaço nobre: as vitrines que ocupavam a fachada lateral da sede da empresa.

A primeira vitrine foi inaugurada em 21 de setembro de 1959, comemorando o dia da Árvore. “Eram painéis ilustrados, por sinal muito notados”, lembra Laércio Volasco, 60 anos, hoje aposentado, um dos projetistas das vitrines. “Entre as que fizeram maior sucesso estão as referentes à Semana do Índio e à Semana da Criança. As campanhas ainda mostravam ao público as formas de economizar energia, como evitar acidentes com pipas nos fios elétricos e divulgavam esportistas famosos como Maria Ester Bueno, bicampeã de Wimbledon, principal torneio de tênis do mundo.”

Em agosto de 1969, as vitrines da Light comemoravam a Semana do Exército. “Madrugada de domingo: seis homens e uma



mulher com voltas pelo pght, na rua X ledo. A uma çam a atirar c doras, para es blico que est Quando não ninguém em fr alusiva à Sem cito, eles joga ba – não casei polícia. Agora feridas, três p torcidas, cente las quebradas em frente à vi roristas estava maratny de cor giram pela rua Estado de 26/8/1969).

A partir da passa a utiliz menos a práti ria-institucional ma exposição 25 de agosto c vamente nas cc da Semana do situação só ve estudada em l' o Departament mônio Históric de um local p posição sobre espaço, porém ser as populare Xavier e a Elet sou a usar a Chá, passagem do maior cru; pessoas da Amé



A vitrine da Light homenageia a tenista Maria Ester Bueno, em 1960

mas com o passar do tempo a importância tornou-se irrisória”, conta Paulo Vicária. “Por isso, digo que comprar as casas foi como ganhar na loteria.”

As casas foram entregues em 1956. Eram sobrados padronizados, amplos, de dois quartos, sala de estar, de jantar e quintal. O conjunto era formado por duas ruas (A e C, depois denominadas Candeias e Mataripe), que desembocavam numa praçazinha – a atual praça Prof. Osório de Almeida –, onde nos fins de semana os moradores jogavam malha e, em junho, faziam as festas juninas. “Éramos muito unidos”, diz Paulo. “No Natal, cada família colocava uma lâmpada colorida no terraço, o que dava um aspecto festivo”.

O conjunto foi o último a ser construído pela Caixa de Aposentadoria, que, em 1961, com outras entidades do gênero, foi incorporada ao INPS. No prédio da Xavier de Toledo, sede da Light, os funcionários chamavam o conjunto de “Vila das Gravatas”. Motivo do apelido: só o pessoal do escritório – chefes, supervisores, encarregados – morava ali. △

mulher começam a dar voltas pelo prédio da Light, na rua Xavier de Toledo. A uma hora, começam a atirar com metralhadoras, para espantar o público que está por perto. Quando não vêm mais ninguém em frente à vitrina alusiva à Semana do Exército, eles jogam uma bomba – não caseira, segundo a polícia. Agora, há pessoas feridas, três portas de aço torcidas, centenas de janelas quebradas e um tapume em frente à vitrina. Os terroristas estavam num Itamaraty de cor escura e fugiram pela rua Formosa” (O Estado de S. Paulo, 26/8/1969).

A partir daí, a empresa passa a utilizar cada vez menos a prática publicitária-institucional e sua última exposição acontece a 25 de agosto de 1973, novamente nas comemorações da Semana do Exército. A situação só veio a ser reestudada em 1982, quando o Departamento de Patrimônio Histórico necessitou de um local para uma exposição sobre bondes. O espaço, porém, deixou de ser as populares vitrines da Xavier e a Eletropaulo passou a usar a galeria do Chá, passagem subterrânea do maior cruzamento de pessoas da América Latina. △

## HABITAÇÃO

### Vila das Gravatas

A Light continua vivíssima na memória dos moradores das ruas Ana Lândia e Guerino Raso, no bairro da Mooca. Nos anos 50, ali foi erguido o chamado “Conjunto Residencial da Light”, para funcionários da empresa.

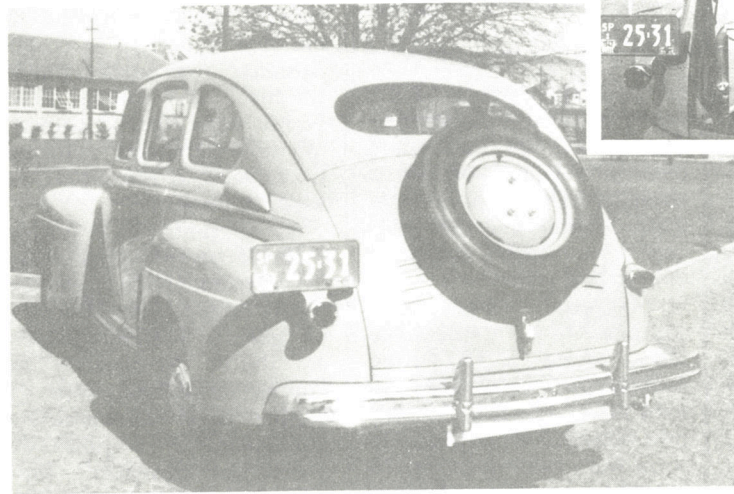
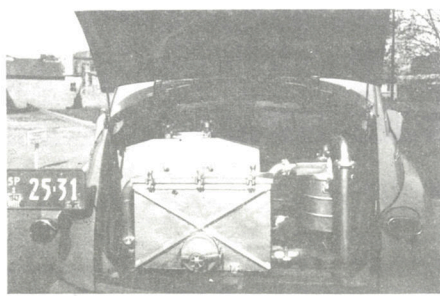
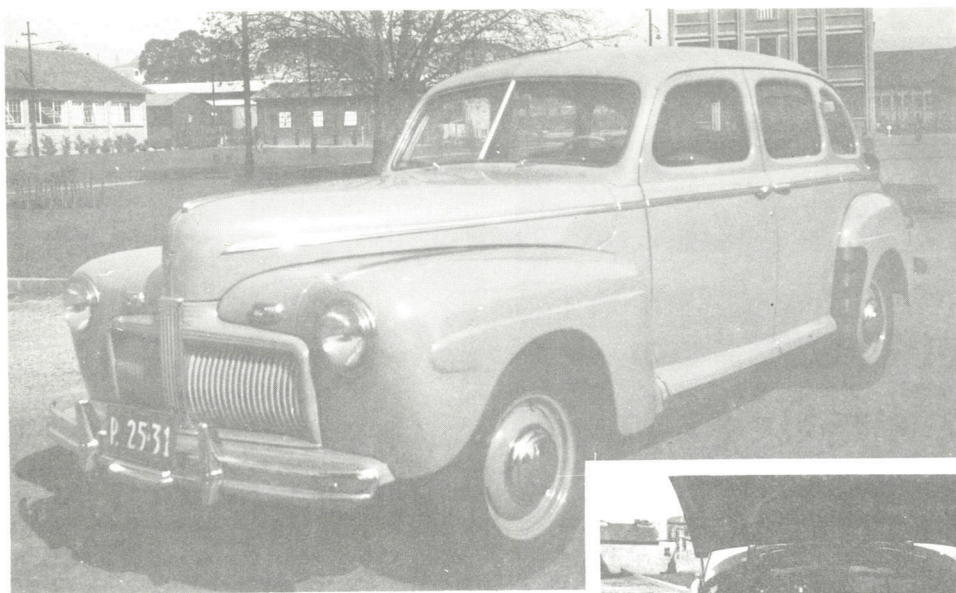
Os seus habitantes, quase todos ex-funcionários da “canadense”, contam assim a história da construção do conjunto: em 1953, a região era uma grande chácara, de propriedade da Light, que tinha intenções de construir no local uma subestação. Mas a idéia não foi adiante. Sabendo disso, alguns lightianos, associados à Caixa de Aposentadoria, solicitaram ao órgão que comprasse o terreno. A Light, no entanto, pretendia alienar as terras a outras entidades. Então, os associados foram ao Sindicato e, através de um abaixo-assinado, pressionaram a companhia, que acabou vendendo o terreno para a Caixa. “Vencida essa etapa, vieram as exigências”, lembra Paulo Vicária, 59 anos, 40 de empre-

sa, hoje aposentado. “Nem todos poderiam comprar as casas, pois o interessado deveria ter um ordenado compatível com as prestações. Depois disso, a seleção foi na base do quem chegar primeiro.”

No local foram construídas 134 residências. Dos “eleitos” 132 eram funcionários da Light, um da CMTC e outro da própria Caixa. O pagamento seria feito num prazo de 20 ou 30 anos, com prestações fixas descontadas em folha de pagamento. “Os primeiros anos foram difíceis,



A garotada da Vila das Gravatas, na Mooca, em 1967: futuros lightianos?



Um Ford V-8, modelo 1942, com gasôgênio, adaptado nas oficinas da Light no ano da entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra: uma das transformações na vida das grandes cidades brasileiras

CRÔNICA

## TEMPOS DE GUERRA

*A entrada do Brasil na guerra, em 1942, transformou a vida nas grandes cidades do país. Na visão do escritor Afonso Schmidt, o black out em São Paulo, "quando a gente sentia o coração pequenininho".*

"Quando os sinos cantaram o Angelus, a gente olhou em redor de si, mas as ruas continuaram como estavam. De repente a cidade chuvosa botou os seus colares de lâmpadas elétricas. Mas nenhum letreiro brilhou em nenhuma fachada. O transeunte olhava as praças, as avenidas e sentia que faltava alguma coisa. Os prédios

ainda estavam iluminados; tinham mais janelas que as de costume. Homens e mulheres se acotovelavam nos pontos de bondes e de ônibus; mostravam pressa de regressar aos bairros. A escuridão vinha vindo, vinha vindo, e ninguém queria ser alcançado pelas suas mãos da sombra.

A noite era silenciosa e fria. Tinha botas de sete

léguas e caminhava pisando nos telhados. As sereias ficaram aflitas e botaram a boca no mundo. Os sinos viraram cambalhotas nas torres das igrejas. Em Parnaíba um moço de boné puxou uma alavanca de ferro com pega-mão de borracha, e metade das lâmpadas elétricas da cidade se apagou, ficando como taças foscas, esvaziadas

de luz. E a escuridão começou a devorar a capital; engoliu o Martinelli, a 'Light', o Matarazzo, o Saldanha Marinho, todas as pontas de São Paulo que entram pelo céu. Mastigou as praças e ruas. A gente começou a ver uma janela aqui, outra não se sabe onde; um homem correndo pelo viaduto, outro encostado no portal de um banco.

A noite estava mesmo com fome; comia e uivava. Aos seus uivos se fez uma escuridão total. Os bondes, os ônibus, os automóveis pararam onde estavam e extinguiram as luzes. O último transeunte atirou o cigarro no chão e pisou em cima. As moças de uniforme, que vigiavam nas esquinas, transmitiam ordens em voz baixa. Era um consolo encontrá-las ali; nunca pareceram tão simpáticas.

E São Paulo se transfigurou. As praças viraram poços, onde a sombra represava; as ruas viraram canais, por onde a sombra corria. As avenidas eram apenas adivinhadas, porque pareciam mais escuras que a noite. E pelos bairros os bichos pensavam que amanhecia; ouviram-se o remoto cantar dos galos, o coaxar das rãs, o cricrilar dos grilos. Um vagalume inexperiente saiu da várzea e entrou com escândalo pela avenida São João. Estava visível como um anúncio luminoso. Voando, mareava linhas e pontos de luz, como um telegrama cifrado.

Reinava o silêncio e o frio das horas mortas. A gente sentia o coração pequenininho... Então, as sereias e os sinos gritaram que o perigo havia passado. Foi um alívio. Em todo aquele período só brilhou uma luz que ninguém pensou em apagar; aquela estrelinha que ardia, ingenuamente sobre o pico do Jaraguá." △



Avenida São João

**Q**ue magia Mário de Barboza Caetano Veloso

tas? A avenida S...  
téria da boemia  
tem história. Ar  
nesta plenitude  
e intensa via  
foi, um dia, un  
mulas que nos  
Campinas e a  
brasileiro. Naqu  
nia, era apenas  
tiva, pois havia  
vessava o Tietê  
Pequena e segu  
guesia do Ó.





Avenida São João com Líbero Badaró, em 1900: construções da Light na futura artéria da boemia paulistana

# RETRATOS DA SÃO JOÃO

*O registro fotográfico da famosa avenida paulistana.*

Texto: José Alfredo O. V. Pontes  
Seleção de fotos: Carlos Sérgio da C. Lima

**Q**ue magia é essa que inspirou Mário de Andrade, Adoniran Barbosa, Paulo Vanzolini, Caetano Veloso e tantos outros poetas?

A avenida São João, a grande artéria da boemia paulistana, também tem história. Antes de se transformar nesta plenitude de mistérios da noite e intensa via de comunicação, ela foi, um dia, um pacato caminho de mulas que nos levava a Jundiaí, a Campinas e a todo o centro-oeste brasileiro. Naqueles tempos de colônia, era apenas uma estrada alternativa, pois havia uma outra, que atravessava o Tietê na altura da Ponte Pequena e seguia em direção à Freguesia do Ó. ▷



São João com Formosa, em 1900, onde se encontra o "Buraco do Adhemar" nos anos 80



São João com Líbero Badaró, em 1915. No local do sobrado avarandado (à dir.) seria construído o prédio do Correio

Para se atravessar o córrego Anhangabaú havia uma ponte chamada, tradicionalmente, de ponte do Acu, na altura do lugar onde se encontrava o "Buraco do Adhemar" (no final de 1988 sendo transformado em um arrojado túnel de 490 m de extensão).

Em 1819, quando passou pela cidade de São Paulo, o cronista francês Auguste de St. Hilaire, considerou a ponte do Acu como "a mais linda das três" que haviam na cidade (as outras duas eram ponte do Ferão, no Tamanduateí, e a ponte do Lorena, também sobre o Anhangabaú, mas nas proximidades do largo da Memória).

O caminho que saía da ponte do Acu fazia a ligação com a freguesia de Santa Efigênia, na época, um pequeno aglomerado de casas de melhor porte ao redor da igreja (no mesmo ponto da atual), agregada de um seminário e um colégio. Esta ocupação incipiente do início do século XIX era o embrião da intensa urbanização que o então arrabalde da cidade iria sofrer, a partir de 1868,



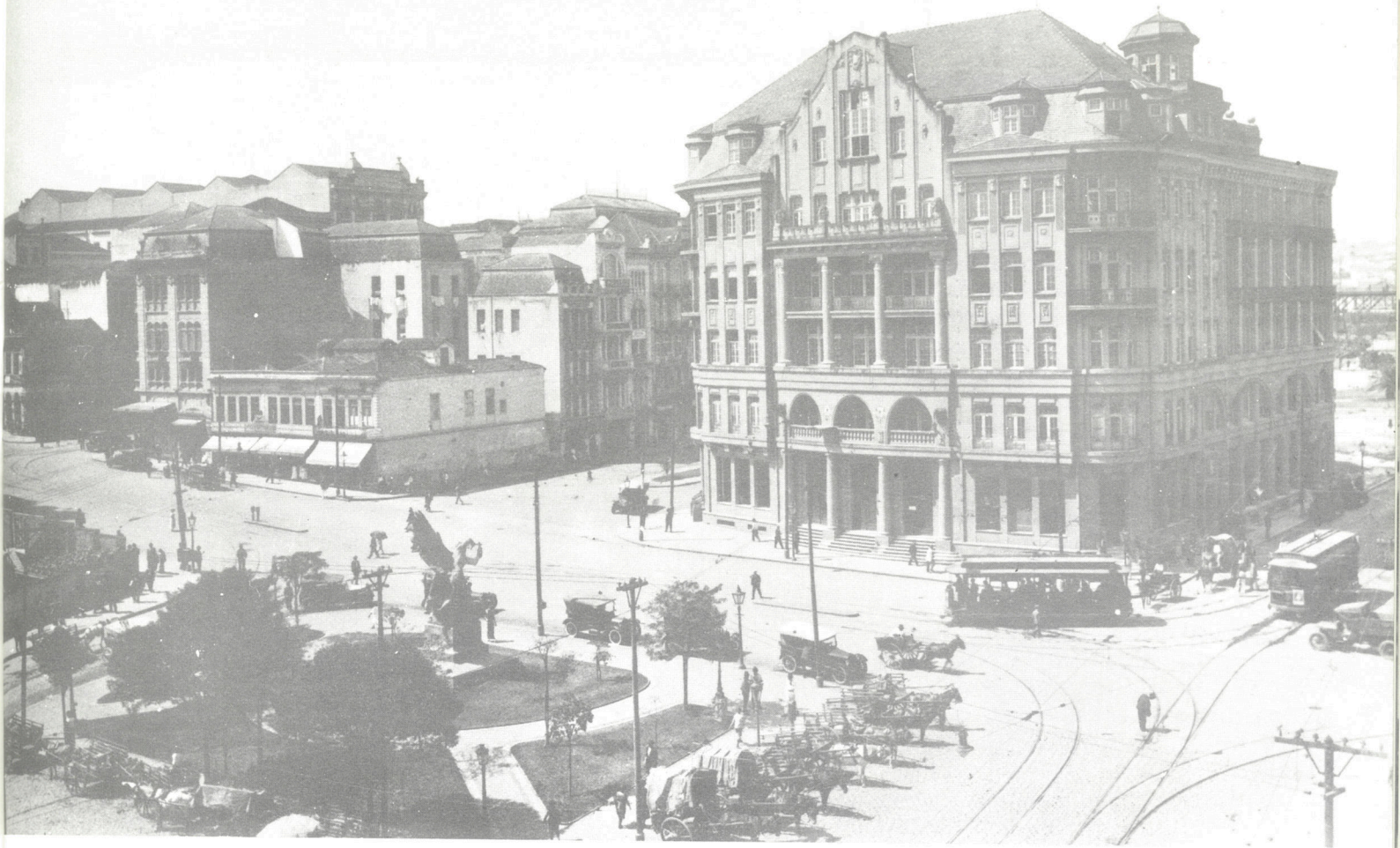
A São João em 1916. À esquerda, prédio do Conservatório Musical, ainda de pé



A São João (o pr

Acervo DPH da Prefeitura de São Paulo





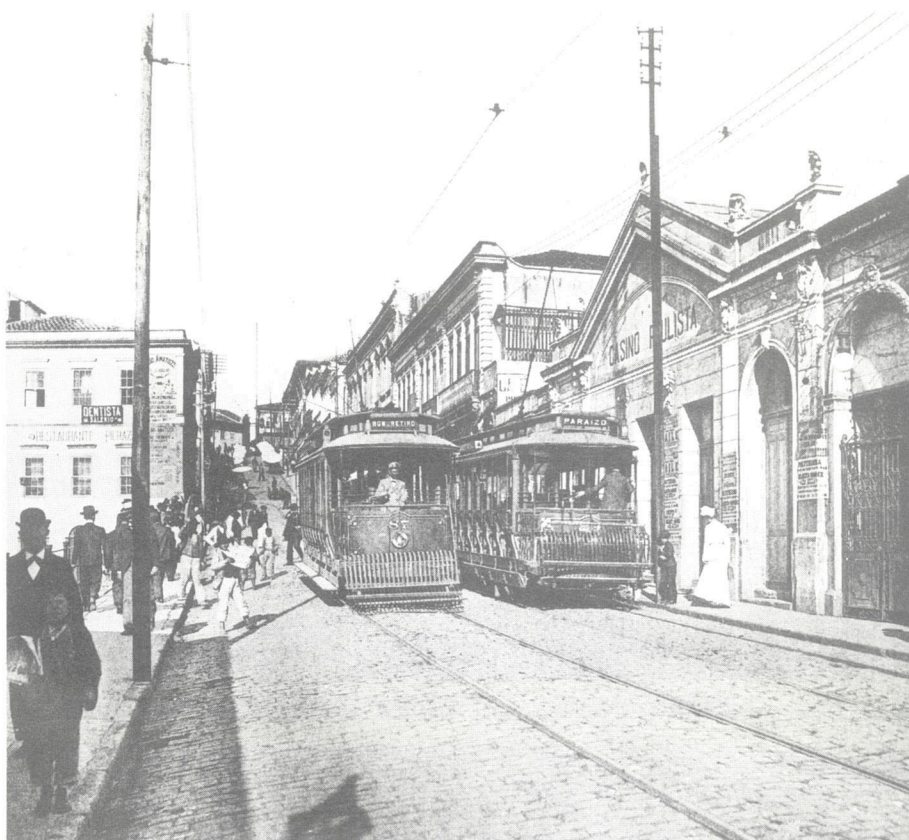
*A São João (o prédio da Delegacia Fiscal), em 1928. Abaixo, no cruzamento com o largo do Paissandú, em 1918.*



Acervo DPH da Prefeitura de São Paulo

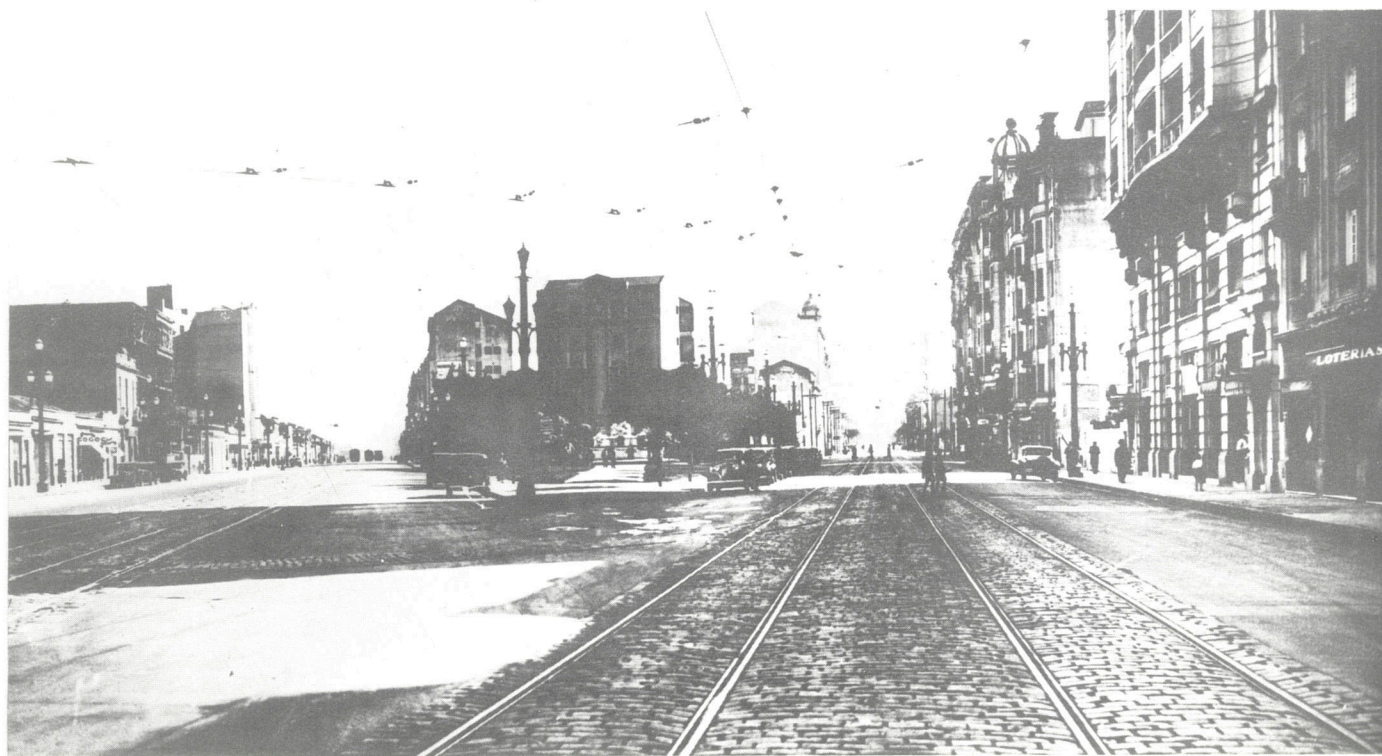
com a abertura da ferrovia Santos-Jundiaí. Abre-se, então, a rua de São João Batista, que unia o largo dos Curros (atual praça da República) e a chácara do Arouche. Era a *cidade nova* que começava a surgir. O loteamento da chácara do barão de Itapetininga (entre as ruas de São João e a rua da Palha, hoje 7 de Abril), em 1870, e dos Campos Elísios, em 1879, ampliou-a ainda mais. Já em 1892, a inauguração do viaduto do Chá consolida definitivamente a ocupação além-Anhangabaú.

A rua de São João, já sem o “Batista”, permaneceu como uma acanhada ladeira até a segunda década do século XX. Ainda no final do século XIX foram erguidas na altura do Anhangabaú, já canalizado neste trecho, duas importantes construções da época: o “mercadinho”, defronte ao local onde hoje se encontra o prédio do Correio, e o Politeama, conjunto que englobava uma choperia e um “cinematographo”, defronte ao atual cine Cairo. Em 1917, o então prefeito barão de Duprat

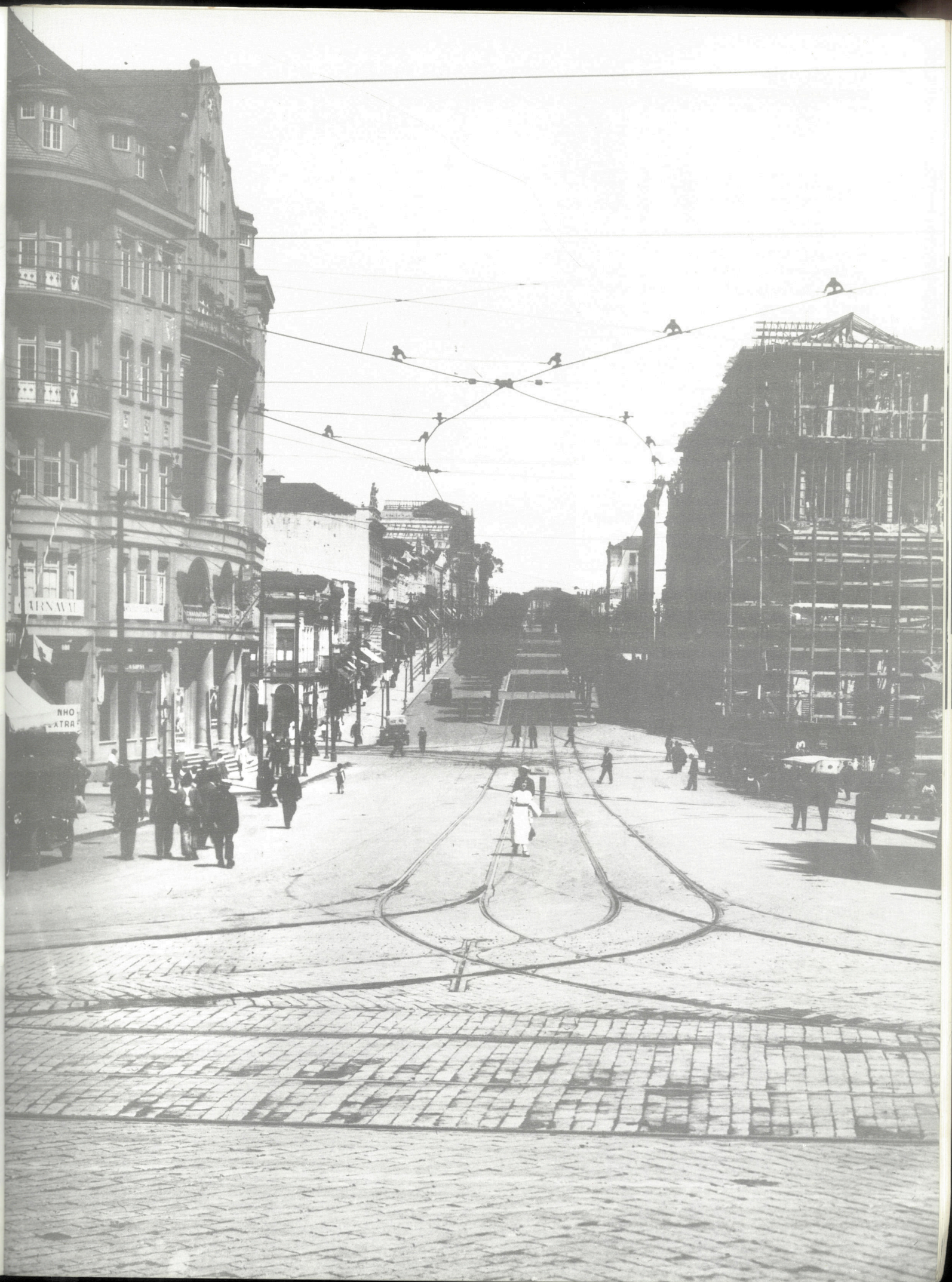


Acervo DPH da Prefeitura de São Paulo

*A São João, no começo do século. Abaixo, a avenida na confluência da alameda Barão de Limeira (hoje praça Júlio Mesquita), em 1924*



Acervo DPH da Prefeitura de São Paulo



inaugurou a arborizada avenida São João, com amplo canteiro central até a altura da rua Vitória. Somente em 1933 a avenida teria seu traçado como se encontra hoje, quando foram concluídas as obras de extensão até a praça Marechal Deodoro e suprimidas, lamentavelmente, as árvores do canteiro central.

A eliminação das árvores não seria a única violência praticada contra a São João. No final dos anos 60, um grande trecho foi superposto pelo "Minhocão", triste monumento evocatório da anti-urbanização.

Apesar de tudo, a avenida São João permanece certamente diferente dos tempos de Adoniran e Mário de Andrade, mas com uma força sempre renovada pelo burburinho dos pedestres e automóveis que a inundam de dia e também pelos milhares de boêmios anônimos que a povoam de noite, exorcizando a solidão em seus braços generosos, ou mesmo indo às últimas conseqüências, como nos versos trágicos de Vanzolini – em *Ronda*. △



Acervo Mário Hill

A São João, início dos anos 30: dois momentos da famosa avenida paulistana

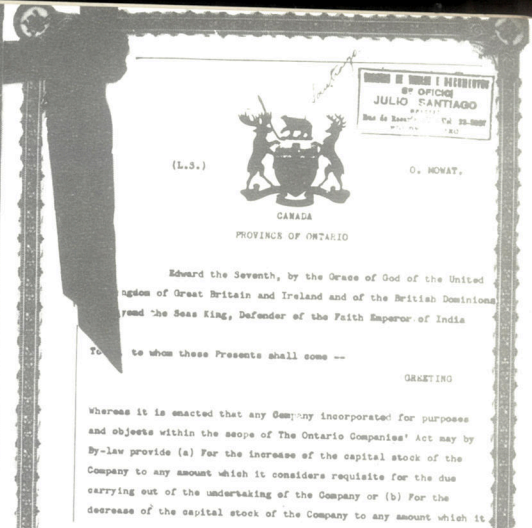


Acervo Mário Hill



# ESPECIAL

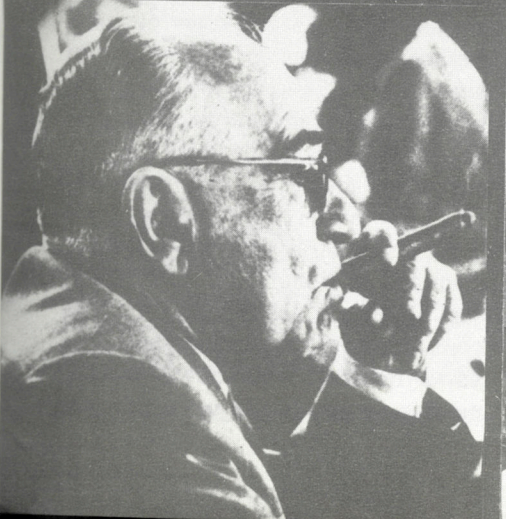
## ELETROPAULO 90 ANOS



# 1989

## 100 ANOS DE REPÚBLICA E 90 DE FUNDAÇÃO DA LIGHT

*No centenário da República, a Light – hoje Eletropaulo – completa noventa anos de fundação. Mas como foi a trajetória da The São Paulo Light na vida política, econômica e social do país? Nas páginas seguintes, a análise histórica de momentos significativos – e lembranças de gente que, na cidade ou trabalhando, conviveu com a empresa canadense.*



# A REPÚBLICA E A LIGHT

José Antonio Segatto



A partir de 1850, a sociedade brasileira passa por um longo processo de transformações sócio-econômicas (economia cafeeira, imigração, nascimento da indústria, abolição da escravidão, crescimento das cidades, ferrovias, surgimento de novas classes sociais etc.) que exigem, por sua vez, mudanças que dessem respostas às novas necessidades. O regime monárquico, no entanto, pela sua própria estrutura e pelo conjunto de interesses que lhe davam sustentação, foi incapaz de encaminhar essas mudanças. Diante da impossibilidade de reformar o regime, as forças sociais descontentes passam a lhe fazer oposição através do movimento republicano, que aglutina setores militares, camadas médias urbanas e grandes proprietários rurais. Em 15 de novembro de 1889 – fruto do isolamento da Monarquia e em virtude de sucessivas crises políticas – a República, mediante a intervenção do Exército, foi proclamada. Aristides Lobo descreve este episódio com muita argúcia: “O povo assistiu àquilo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava. Muitos acreditavam sinceramente estar vendo uma parada”.

Logo após a proclamação da República, o governo provisório, sob a égide do lema “Ordem e Progresso”, toma diversas medidas visando a reorganização do poder. São elas: o voto universal e direto, mandatos temporários, convocação da Constituinte, grande naturalização, separação da Igreja do Estado, federalismo etc. Estas medidas seriam ratificadas pela Constituição de 1891.

Com a mudança do sistema eleitoral e a substituição do voto censitário pelo universal, passaram a ser eleitores todos os cidadãos maiores de 21 anos alistados segundo a lei, excluindo-se mulheres, analfabetos,

mendigos, soldados e membros de ordens religiosas. Apesar de valorizar as eleições, tornando eletivos o presidente da República, os deputados e senadores federais, os presidentes dos Estados, os deputados e senadores estaduais, mantinha-se a exclusão da grande maioria da população do direito de voto: mulheres (50%) e analfabetos (cerca de 70%). Além disso, a legislação eleitoral facilitava o controle do voto pelas oligarquias locais ou municipais, favorecia a fraude, a corrupção e o voto de cabresto. Isto era acentuado pelo fato de o voto ser pronunciado a descoberto e registrado a bico de pena.

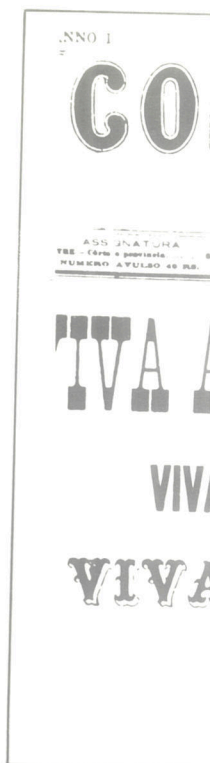
## A CONCESSÃO DA LIGHT

A partir de 1894, as oligarquias estaduais, principalmente as de São Paulo e Minas Gerais, assumem o controle quase absoluto da República, reforçado, depois de 1898, no governo Campos Salles, com o estabelecimento da “política dos governadores”. O domínio dessas oligarquias vinculadas à propriedade latifundiária consolidava todo um sistema de trocas entre os governadores e os “coronéis” dos municípios. Estes últimos, grandes proprietários rurais, monopolizavam, a nível municipal, o poder político onde imperava o voto de cabresto, o “curral eleitoral”, a corrupção e a prepotência.

Desde o final do século XIX, o processo de mudanças econômicas no centro-sul do país, sobretudo em função da economia cafeeira, impulsiona o desenvolvimento industrial. Entre 1880 e 1884 foram criadas 150 indústrias e nos cinco anos seguintes mais 248. Em 1889, já existiam 636 estabelecimentos industriais, com 54.169 operários; em 1907, 3.410, com 156.250 operários; e 13.336 em 1920, com um total de 275.512 operários.

A maior parte desses estabelecimentos foi criada ou financiada com capital de firmas importadoras estrangeiras e, principalmente, com capital proveniente do café. Estavam, na sua maioria (60%), concentrados em São Paulo e Distrito Federal. Junto com a indústria há um crescimento acelerado destas duas cidades, que passam a ter uma grande e complexa rede de transportes, bancária, comercial e de serviços em geral.

Ao se instalar em São Paulo em 1899 e no Rio de Janeiro em 1905, a Light encontra uma situação das mais propícias para o desenvolvimento de suas atividades: produção e distribuição de energia elétrica e o transporte urbano eletrificado – bondes. Conquistada a concessão (em condições muito favoráveis), a empresa canadense, através da exploração do potencial hidrelétrico das bacias dos rios Tietê (SP) e Paraíba (RJ), expande-se rapidamente. Segundo o professor Tamas Szmrecsányi, em “Apontamentos para uma história financeira do grupo Light no Brasil, 1899/1939”, “essa expansão acompanhou o crescimento e enriquecimento das duas principais cidades do país, cujas populações, entre 1900 e 1940, passaram de 700 mil a 1,8 milhão de habitantes no caso do Rio de Janeiro, e de 240 mil a 1,3 milhão no de São Paulo, isso sem contar os municípios vizinhos de ambas(...). Além de serem extremamente dinâmicos do ponto de vista quantitativo, os atendidos pelo grupo Light eram também muito ricos. Tratava-se, afinal, das duas mais importantes áreas metropolitanas do país, as quais concentravam uma parcela ponderável, e até crescente, da renda nacional(...). O rápido desenvolvimento desses dois mercados consumidores de energia possibilitava a realização de novos investimentos de porte cada vez maior, do-



Correio do Povo, R.



O futuro presidente de



*A convivência republicana com a empresa canadense, do final do século aos anos 70.*

.NNO 1 Rio de Janeiro - Sabbado 16 de Novembro de 1889

# CORREIO DO POVO

ORGÃO REPUBLICANO  
REDACTOR-CHEFE - SAMPAIO FERREZ

ASS. JNATUNA  
TÍT. - C. de J. 1889  
NÚMERO A TULSO 10 RE.

REDAÇÃO, TRAVESSA DO OUVIDOR N. 14  
GERENCIA E TYPOGRAPHIA, RUA DO HOSPICIO N. 137

**VIVA A REPUBLICA BRAZILEIRA**

**VIVA O EXERCITO--VIVA A ARMADA!**

**VIVA O POVO BRAZILEIRO!**

## PROCLAMAÇÃO

tados de crescentes economias de escala e, conseqüentemente, de uma rentabilidade financeira também crescente. Tratava-se de um processo cumulativo, pois a crescente disponibilidade de energia elétrica a preços relativamente constantes dava origem ao surgimento de economias externas, não apenas para a urbanização, mas também para a industrialização. A ocorrência desta última contribuía para fazer aumentar sem cessar a demanda dos serviços e, conseqüentemente, as receitas das concessionárias.”

Logo em seguida à conquista da concessão e a sua instalação, a Light desenvolveu uma série de lutas para controlar o transporte coletivo e a produção e distribuição de energia elétrica. Para isso, trava verdadeiras batalhas, sempre com a ajuda dos donos do poder, com os quais tinha íntimas afinidades. Em São Paulo,

*Correio do Povo, Rio, 16/11/1889: o dia seguinte da República*



*O futuro presidente da República Rodrigues Alves (ao centro, sentado) e família com dirigentes da Light em visita à Parnaíba, em 1901*

por exemplo, suas relações com as oligarquias locais, representadas pelo PRP (Partido Republicano Paulista), eram muito estreitas tanto a nível estadual como municipal. *O Estado de S. Paulo* de 25/6/1908 chega a afirmar que a "Light era um estado dentro do município".

Antes de sua instalação, a cidade já era servida por serviços de bondes a tração animal (Cia. Viação Paulista), de eletricidade para iluminação (Cia. Água e Luz). Com recursos técnicos e financeiros muito superiores e através de outros subterfúgios jurídicos e políticos, a Light não teve grandes problemas para eliminar ou absorver as duas concorrentes. Anos depois, estaria envolvida em outra disputa para garantir seu monopólio: a que a colocou em confronto com o grupo de Gaffrée e Guinle, entre 1909 e 1912, na luta pelos contratos de iluminação da cidade de São Paulo. A Light, utilizando-se de seu poder econômico e político, não só afasta a concorrente como amplia suas áreas de concessão.

**O MONOPÓLIO**

Em 1911, é constituída em Toronto (Canadá) a São Paulo Electric Co. Ltd., que adquiriu a Empresa de Eletricidade de Sorocaba (SP). No ano seguinte (1912), também em Toronto, é criada a empresa *holding* Brazilian Traction and Power Co. Ltd., que passa a controlar a São Paulo Light, a Rio Light e a São Paulo Electric. Estruturava-se, dessa forma, uma empresa de característica tipicamente monopolista e vinculada ao grande capital financeiro. "As ações da referida empresa *holding* foram vendidas ao público em Londres com grandes lucros financeiros – verdadeiros lucros de fundador, na terminologia consagrada por Hilferdiug –, fazendo com que os capitais



*Companhia Viação Paulista: a concorrente foi comprada em 21/4/1901*



*Companhia Carris de Ferro de São Paulo: em 15/3/1900 já pertencia à Light*

das subsidiárias Light fossem comuns, da mesma forma que a maioria dos acionistas passaram (*sic*) os acionistas vem sendo e em parte norte

Na década de atuação e de controle acionário de diversas pequenas elétricas no vale do Estado (Juiz de Fora etc.). Além da Cia. Gás e a Cia. Brazilian Traction expande enormemente sua produção e usina de Cubatão.

A Light chegou a controlar nos anos 20 os serviços de produção e distribuição elétrica, transporte de gás e telefonia, com seu poderio econômico e influência política facilitando a aquisição de seus negócios.

Ainda na década de 20, com poucos recursos, o regime oligárquico acumulou concessões de café, especialmente o fidejussório agro-exportador estrutural desde 1920. Condições nas concessões motivadas, em parte, pela reivindicação de alguns estados para a participação na política econômica. Já em São Paulo, a oposição da burocracia e das médias urbanas de participação no debate proletário

## A REPÚBLICA E A LIGHT

das subsidiárias brasileiras do grupo Light fossem em boa parte britânicos, da mesma forma, aliás, que os do grupo como um todo. Assim, a maioria dos acionistas da companhia passaram (*sic*) a ser britânicos, mas os acionistas majoritários continuavam sendo em parte canadenses e em parte norte-americanos.”

Na década de 20, a Light de São Paulo expande ainda mais sua área de atuação e de concessão. Por meio do controle acionário, incorpora diversas pequenas empresas de energia elétrica no vale do Paraíba e interior do Estado (Jundiaí, Itu, Porto Feliz etc.). Além disso, absorve a Cia. de Gás e a Cia. Telefônica, através da Brazilian Traction. Por outro lado, expande enormemente sua capacidade produtiva com a construção da usina de Cubatão.

A Light chegava, portanto, ao final dos anos 20 com o monopólio dos serviços públicos fundamentais: produção e distribuição de energia elétrica, transportes coletivos (bondes), gás e telefones. Seu imenso poderio econômico, aliado a sua intimidade com as oligarquias dominantes, facilitavam bastante a realização de seus negócios e lucros.

Ainda na década de 20, emergem problemas e contradições que, em pouco tempo, conduzem à derrocada do regime oligárquico: 1) problemas acumulados com a política de valorização do café, prolongando artificialmente o fôlego da economia agro-exportadora, em profunda crise estrutural desde o começo do século; 2) cisões nas oligarquias estaduais, motivadas, em boa parte, pela reivindicação de setores oligárquicos de alguns estados de maior participação na política federal que privilegiava São Paulo e Minas Gerais; 3) oposição da burguesia e camadas médias urbanas que buscavam áreas de participação no poder; 4) o combate proletário que, simultaneamente,

reivindicava medidas imediatas e esboçava projetos de transformações mais radicais; 5) mobilização de setores das Forças Armadas que propugnavam contra as oligarquias através dos levantes “tenentistas” — a revolta do forte de Copacabana (1922); o levante de São Paulo e seu desdobramento na coluna Miguel Costa-Prestes (1924).

## REVOLUÇÃO DE 30

Os problemas nacionais, agravados pela política inflexível de Washington Luís e pela crise econômica de 1929, fortaleceram as fraturas das oligarquias estaduais: vários de seus setores, principalmente segmentos do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e da Paraíba alinhados na Aliança Liberal, com o apoio do Exército e de outras forças sócio-políticas, prepararam a insurreição depois das eleições de março de 1930 (postas em dúvida pela oposição e vencida pela oligarquia dominante).

O movimento eclode no sul, Minas e no nordeste. Com sua vitória, a 24 de outubro, Getúlio Vargas assume o governo provisório. Mesmo contando com a simpatia e o apoio populares, o movimento procurou manter o povo afastado do processo, quer pela demagogia, quer pela repressão, reordenando o poder de cima para baixo, arranjando e conciliando as frações e grupos dominantes. A filosofia do movimento foi bem resumida por um de seus líderes, o mineiro Antônio Carlos de Andrada: “Façamos a revolução antes que o povo a faça”.

Nos anos 30, no governo Vargas, há uma rápida e intensa modernização do Estado, que passa, inclusive, a ter importante papel na acumulação de capital, no desenvolvimento das forças produtivas e nas relações de produção. O Estado é reorganizado e centralizado e intervém em diversos

setores da vida sócio-econômica e política. Toma uma série de medidas administrativas, cria novos órgãos e institutos, investe maciçamente na criação de insumos industriais. Ao lado disso, implanta-se a legislação trabalhista (justiça do trabalho, jornada de 8 horas, carteira profissional, salário mínimo, subordinação dos sindicatos ao Estado); é instituído o novo Código Eleitoral (voto secreto, Justiça Eleitoral, direito de voto às mulheres, voto obrigatório).

Depois da derrota da oligarquia paulista no levante de 1932, há um reordenamento das forças políticas no poder. Isso permite a Vargas se reeleger na Constituinte corporativa de 1934 e recompor setores da classe dominante. Em 1935, fecha a ANL (Aliança Nacional Libertadora), ampla frente democrática e antifascista, com base na Lei de Segurança Nacional; e depois do levante de novembro, organizado pelos aliancistas nos quartéis, desencadeia violenta repressão, estabelece o “Estado de Sítio” e cria o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Com isso, Vargas abria o caminho para a implantação da ditadura do Estado Novo em 1937, quando dá um golpe de Estado, outorga uma nova Constituição, suspende as eleições, extingue os partidos, fecha o Congresso, estabelece a censura e outras medidas repressivas.

## CÓDIGO DE ÁGUAS

O movimento político-militar de 1930, ao provocar a reordenação estatal e o redirecionamento da política econômica, impulsionando as transformações no sentido da industrialização e de uma sociedade de bases urbanas, redefiniu o papel do Estado no controle e fiscalização das empresas concessionárias de eletricidade. Já em 1931, através de decreto, Vargas regulamenta o aproveita-

## A REPÚBLICA E A LIGHT

mento e a propriedade das quedas d'água. O decreto afeta diretamente a Light, barrando a absorção de usinas de pequeno porte e refreando o processo de concentração do setor elétrico que ocorre até final dos anos 20. Em 1933, um outro decreto extingue o aumento das tarifas dos serviços públicos (gás, eletricidade, transporte coletivo, telefone) estipulados pela "cláusula-ouro", com base na qual os preços eram reajustados periodicamente conforme as flutuações da taxa cambial. No ano seguinte, 1934, o governo provisório faz promulgar o Código de Águas, regulamentando, então, o setor de energia elétrica.

### CONSTITUINTE DE 46

Com estas medidas, os interesses, negócios e lucros da Light no Brasil são diretamente afetados. Assim, nos anos 30 as relações entre a empresa canadense e o Estado tornaram-se bastante tensas e conflituosas. A aplicação das medidas, porém, foi, em grande parte e diversas vezes, limitada e parcial devido, principalmente, às resistências e às pressões dos grupos estrangeiros – entre os quais a Light – e ao crescimento industrial, que introduzia a forte expansão do consumo de eletricidade.

A partir de 1942, depois de vários anos de ditadura, as forças políticas democráticas começam a se rearticular. Nesse ano, devido à forte pressão popular sobre o governo, o Brasil entra na guerra ao lado dos aliados, criando um paradoxo: o país lutava na Europa contra o nazi-fascismo, ao mesmo tempo em que, internamente, o regime do Estado Novo guardava semelhanças com aquele.

Depois de 1943, o movimento oposicionista toma corpo, reivindicando a realização de reformas jurí-



Paulistas comemoram o final da guerra, em 8/5/45

dicas e institucionais: anistia, eleições, convocação da Constituinte, liberdade de expressão e organização. O movimento aglutina diversos setores da sociedade numa ampla frente democrática contra a ditadura estado-novista.

No primeiro semestre de 1945, o movimento democrático chega ao auge: é rompida a censura à imprensa; é conquistada a anistia; são marcadas as eleições; os partidos são legalizados, inclusive o PCB; é convocada a Constituinte. A sociedade civil se reorganiza e se mobiliza rapidamente e com desenvoltura.

Procurando impor limites ao processo de democratização e controlar a crescente participação popular, a 29 de outubro, um golpe militar, comandado pelos generais Dutra e Góis Monteiro e apoiado pelas for-

ças liberais-conservadoras e do imperialismo, depõe Vargas. Contudo, o clima do pós-guerra e a pressão das forças democráticas e populares evitam o retrocesso político.

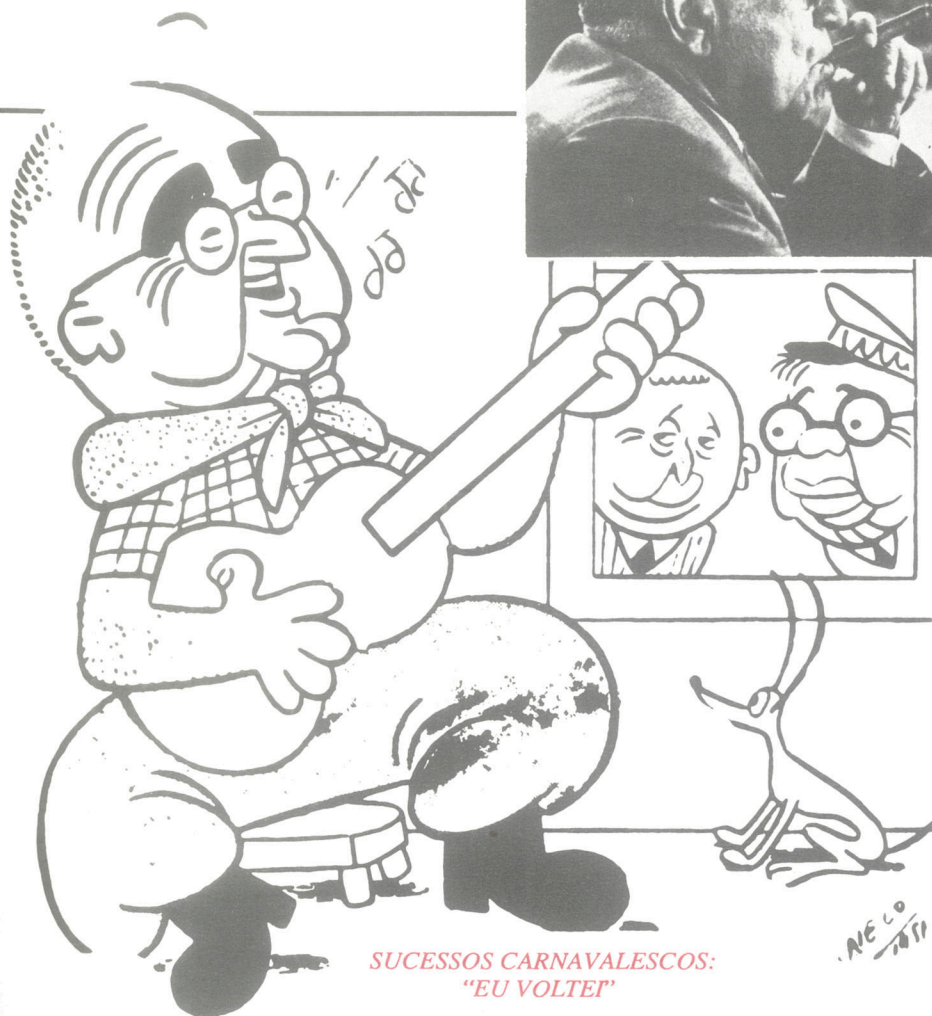
As eleições de 1945 foram as mais democráticas que já haviam ocorrido no país até então, disputadas por doze partidos. São eleitos o presidente da República e mais 320 parlamentares, que comporiam a Assembleia Constituinte. Após seis meses de trabalho, elaboram a nova Constituição, com características democráticas. Neste contexto, a influência política da Light volta a se expressar de forma direta. Um de seus advogados, Pereira Lyra, torna-se o chefe de polícia do governo Dutra. Durante os trabalhos da Constituinte, a Light e outras grandes empresas concessionárias (Bond



Vargas em seu s

& Share, Sta  
préstimos do c  
lizaram os m  
deputados, se  
defender seus  
no Brasil.

A euforia  
guerra, no ent  
tempo. Depois  
ção da guerra  
põe o PCB na  
versas organiz  
CGTB), inter  
sindicatos, faz  
põe a Lei de  
desencadeia a  
toma muitas m  
plano econôm  
adota uma pol  
tralização dos  
ve os criados  
intervenção est



SUCESSOS CARNAVALESÇOS:  
"EU VOLTEI"

Vargas em seu segundo governo (1951-54): nova fase para o setor elétrico

& Share, Standard etc.), além dos préstimos do chefe de polícia, mobilizaram os meios de comunicação, deputados, senadores e outros para defender seus negócios e interesses no Brasil.

A euforia democrática do pós-guerra, no entanto, não duraria muito tempo. Depois de 1947, sob inspiração da guerra fria, o governo Dutra põe o PCB na ilegalidade, fecha diversas organizações operárias (MUT, CGTB), intervém em centenas de sindicatos, faz uma lei de greve, impõe a Lei de Segurança Nacional, desencadeia a perseguição política e toma muitas medidas repressivas. No plano econômico, o governo Dutra adota uma política liberal e de neutralização dos instrumentos, inclusive os criados na década de 30, de intervenção estatal. Através do Plano

Salte e das propostas da Missão Ab-bink (formada por técnicos brasileiros e norte-americanos), adotava-se uma orientação privatista e de apoio ao capital estrangeiro.

#### REMESSA DE LUCROS

Nestes anos, a Light começa a reorientar suas atividades. Em 1947, em São Paulo, a companhia passa o sistema de transportes (bondes) para o município, que cria a CMTC (Companhia Municipal de Transportes Coletivos). No mesmo ano é criada a Cobast (Cia. Brasileira Administradora de Serviços Técnicos), para centralizar a administração e a coordenação das operações das empresas do grupo Light no Brasil. Por outro lado, visando aumentar suas

taxas de lucro, começa a se utilizar do mecanismo da obtenção de empréstimos do exterior. Em 1948, obtém garantias do Tesouro Nacional para contrair um empréstimo de 90 milhões de dólares do BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento). Para o economista Nivalde J. de Castro, em "O pacto da Clivagem no setor de energia elétrica no Brasil: 1945 - 1962", estes mecanismos estavam ligados a: "operações financeiras matriz-subsidiárias (repasse de empréstimos em detrimento de investimentos diretos); intermediações da matriz na obtenção de empréstimos no mercado financeiro internacional com cobrança de elevadas comissões; e (...) ganhos através da política cambial brasileira. O grupo Light tinha condições de lucrar acima das taxas de remuneração legal, bem como de remeter lucros sob a forma de juros, garantindo, assim, a lucratividade da matriz em detrimento da lucratividade das subsidiárias."

Ainda em 1948, a Light é alvo de uma CPI (Comissão Permanente de Inquéritos) formada a partir de acusações de irregularidades e infrações cometidas pela empresa no Brasil, feitas pelo então deputado Juarez Távora. O relator da CPI, deputado Afonso Arinos, em seu relatório final reconhece a procedência das denúncias.

Em 1950, Vargas é eleito presidente da República. No seu novo governo, o Estado volta a ter papel importante na resolução dos principais problemas econômicos do país com vistas a um desenvolvimento industrial acelerado e ao fortalecimento do capital nacional. Através de sua assessoria econômica, sob a chefia de Rômulo de Almeida, elabora uma estratégia política que se resumia em: "Industrialização concebida como um processo rápido, concentrado de tempo, a partir de um

## A REPÚBLICA E A LIGHT

bloco de inversões públicas e privadas em infra-estrutura e indústrias de base, reservando à empresa estatal um papel estratégico e dinâmico: capitalização da agricultura apoiada na modernização da produção rural; organização de um sistema de financiamento apoiado, de um lado, na criação de um banco estatal central e bancos regionais e, de outro, na ampliação e racionalização da arrecadação tributária, como forma de dinamizar e dirigir adequadamente o fluxo de investimentos públicos e privados: uma forma de articulação da economia brasileira com o capitalismo internacional, indicando condições preferenciais para a entrada de capital externo nas áreas prioritárias de investimento e limites à remessa de lucros; uma redistribuição da renda e a melhoria das condições básicas de vida das massas urbanas, privilegiando as questões de transporte e alimentação” (Sônia Draibe, em *Rumos e metamorfoses*, Rio, Paz e Terra, 1985).

### NOVA FASE

Este projeto de desenvolvimento capitalista, que é forjado, orienta a política energética no sentido da empresa pública. Montam-se as diretrizes institucionais, além de se ampliar as bases para o investimento público e a criação do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento), que terá importante papel no programa de eletricidade.

Baseando-se nesta política, em 1954, Vargas manda ao Congresso projetos criando o imposto único sobre a energia elétrica, a Eletrobrás e o Plano Nacional de Eletrificação. Com exceção do último, os dois outros seriam postos em prática posteriormente. Iniciava-se aí uma nova fase para o setor elétrico, onde o Estado tomava para si a função de

investir grandes recursos na produção de energia.

Observa-se também que nos primeiros anos da década de 50, há uma crise de eletricidade de grandes proporções, causada tanto pela estiagem como pela queda da oferta e aumento da demanda. De acordo com Nivalde de Castro, a crise “obrigou o governo, em comum acordo com o grupo Light, a impor uma drástica política de racionamento. Esta situação veio a favorecer a lucratividade da Light, pois passou a utilizar mais intensamente seus equipamentos, permitindo aumentar seu fator de carga. Ou seja, a demanda – via racionamento – foi melhor distribuída ao longo do dia, elevando assim a venda de eletricidade para um mesmo volume de capital fixo.”

### PLANO DE METAS

A fim de encaminhar seu projeto político, Vargas, ciente das debilidades e das dubiedades da burguesia nacional, procura se aproximar das “massas trabalhadoras” através de seu ministro do Trabalho, João Goulart. Contra isto, rearticulam-se os setores conservadores e golpistas das Forças Armadas e da classe dominante ligados ao grande capital internacional. Os conflitos se aguçam e provocam uma crise política que tem como desfecho o suicídio de Vargas. Impossibilitados de impor seus intentos, esses setores voltam à carga no ano seguinte, procurando impedir a posse de JK e Jango. São derrotados pela intervenção de uma fração legalista do Exército, sob o comando do general Lott.

A partir de meados da década de 50, o desenvolvimento do capitalismo no país ganha uma nova dinâmica, entrando, pode-se dizer, numa nova etapa, a monopolista. Durante o governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), com “a realização do

Plano de Metas, o grande capital dos países industrializados penetra em larga escala na indústria brasileira, desenvolvendo ramos da indústria pesada – fabricação de automóveis e caminhões, de material elétrico e eletrônico, de eletrodomésticos, de produtos químicos, farmacêuticos e de matéria plástica etc. – com feições decididamente monopolísticas. Simultaneamente, o capital estatal assegurava as condições gerais de produção para este processo, ao pôr um ambicioso programa de construção rodoviária e outro de ampliação do potencial de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica. Permanecem sob o controle de empresas públicas ou mistas os setores industriais em que a iniciativa estatal tinha sido pioneira, qual seja, a siderurgia, a exploração do minério de ferro, a exploração e refinação de petróleo, a produção de borracha sintética etc.” (Paul Singer, em *A modernização da economia brasileira*).

### CRIAÇÃO DA ELETROBRÁS

Segundo o economista José Luiz Lima, em *Estado e energia no Brasil*, desse momento em diante, “em pleno processo de industrialização pesada, consolidou-se a reorganização do setor de empresas públicas direcionadas primordialmente para investimentos no parque gerador de eletricidade e as empresas privadas voltadas principalmente para o setor de distribuição de energia. Concomitantemente, o processo de acomodação Estado-capital estrangeiro avançava com as revisões da legislação tarifária que se acentuaram no governo Juscelino Kubitschek (...). As aceleradas transformações do setor elétrico a partir da década de 1950, tanto do ponto de vista institucional quanto da escala técnica da produção, foram consolidadas com a

O governador de...

organização da década de 1950, versível a interplanejamento e indústria de energia elétrica.”

Na década de 1950, a empresa em Cubatão (São Paulo), é preciso que cursos hidráulicos de concessão da camente esgotada necessário ‘choque que provocar um sistema elétrico’ na base dos hidráulicos. centros consumidores, a custos da elevação dos custos de transmissão, exigindo, maior investimentos” (Nivalde de Castro, citada, p. 84).



O governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, na inauguração da usina de Piratininga, em 1954: avanço da "fronteira elétrica"

organização da Eletrobrás no início da década de 1960, que tornou irreversível a intervenção do Estado no planejamento e na administração da indústria de energia elétrica no Brasil."

Na década de 50, o sistema elétrico da empresa estava concentrado em Cubatão (SP) e Lages (RJ). Porém, é preciso observar que "os recursos hidráulicos dentro das áreas de concessão da Light estavam praticamente esgotados. Assim sendo, o necessário 'choque da demanda' teria que provocar um avanço da 'fronteira elétrica' na busca de novos recursos hidráulicos mais distantes dos centros consumidores e, conseqüentemente, a custos maiores, em função da elevação dos gastos com linhas de transmissão, exigindo, por conseguinte, maior volume de investimentos" (Nivalde J. de Castro, obra citada, p. 84).

Para superar as necessidades do grande aumento do consumo de energia elétrica, devido ao novo padrão de industrialização e à urbanização acelerada, seriam necessários novos e maciços investimentos no setor elétrico. Mas tanto a Light como os outros grupos internacionais no Brasil "não tinham condições financeiras e interesses, enquanto empresas particulares, em investir o volume de recursos necessários à superação da crise de oferta, pois a massa de capital necessária estava determinando uma mudança qualitativa da indústria de energia elétrica na direção da sua configuração enquanto capital social básico. Neste sentido, se a política tarifária fosse manipulada de acordo com os interesses do capital estrangeiro, haveria conseqüências negativas sobre o processo de industrialização. Assim, é neste período histórico que esta

atividade sai da órbita do capital privado e passa para a órbita do capital público, pois o processo de valorização do capital geral o requer (...). A solução para este conflito, ou melhor, esta transição, se deu através do que denominamos de 'pacto da Clivagem'. Foi realizada uma articulação entre os dois capitais, onde ao Estado coube a parte mais pesada dos investimentos, ou seja, os investimentos em geração e transmissão. Para o capital estrangeiro ficou a área da distribuição, onde os investimentos em capital fixo são significativamente menores" (Nivalde J. de Castro, obra já citada).

#### MUDANÇAS DEMOCRÁTICAS

Os primeiros anos da década de 60 assinalam um avanço significativo das forças sócio-políticas que colocam na ordem do dia um con-

## A REPÚBLICA E A LIGHT

junto de exigências no sentido de promover reformas estruturais, ou de base, e mudanças democráticas profundas no país. Este avanço permitiu uma inserção cada vez maior dos trabalhadores urbanos e rurais no processo político. Em contraposição, as forças conservadoras, aliadas aos representantes do imperialismo, deram início a uma campanha de desestabilização política que, a partir de 1962, acabou por dividir e isolar as forças do campo democrático. Simultaneamente, o país é vítima de uma grave crise política (após a renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961) e econômica que, junto com a campanha desestabilizadora, envolvem no projeto conservador diversos setores e instituições da sociedade: empresários, Igreja, Forças Armadas, camadas médias e outras. E num prazo relativamente curto, esses fatores criaram condições para o golpe que, a 1º de abril de 1964, depôs o governo constitucional de João Goulart.

Após o golpe, uma junta militar assume o controle do país e toma diversas medidas: cassações de mandatos, suspensão de direitos políticos, prisões, intervenções em sindicatos e demais entidades. Nos anos que se seguem novas medidas arbitrárias são impostas, como: extinção dos partidos políticos, mais cassações, atos institucionais, cerceamento das garantias e liberdades individuais, eleições indiretas. Abria-se aí o mais longo período de ditadura da história republicana brasileira, sob a ideologia e a prática do lema: "Segurança e Desenvolvimento".

Paralelamente, montou-se um modelo econômico baseado na: "abertura da economia ao exterior, mediante estímulos às exportações e ampla importação de capitais, tanto sob a forma de investimentos como de empréstimos; expansão de crédito ao consumidor; estímulo à poupança



Jânio Quadros nas eleições presidenciais, em 1960

**FOLHA DE S. PAULO**  
Um jornal a serviço do Brasil

VEREADORES FICAM SEM OS SUBSÍDIOS

NOVO ATO VALIDO ATÉ MARÇO DE 67

**NOVO ATO DÁ PLENOS PODERES AO GOVERNO**

# Partidos extintos, garantias suspensas e eleição indireta

**CASTELO ANUNCIOU ÀS 11 O NOVO ATO**

São estes os pontos principais do Ato Institucional n.º 2 que tem 33 artigos:  
1 — Reforma do Poder Legislativo;  
2 — Reforma do Poder Judiciário;  
3 — Julgamento de civis pela Justiça Militar;

O governo militar anuncia o AI-2 (Folha de S. Paulo, 27/10/65).

interna medianria das taxas rial e trabalhisnar às empresabundante e beSinger, em A Paz e Terra, 1 verdade um de tica econômica vocou uma gr capital, o endi arrocho salaria dos anos 1973. a apresentar s vando o país a duradoura.

O setor elé meiros dez an rial, recebeu u de recursos, pe ampliação da As empresas es brás como as c veram um c Contudo, de 19 crise econômica), os inves bordinaram-se à ca econômica s mas da dívida à inflação. Es danos à continu setor, chegando cada de 80, a u e difícil. Em t uma continuaida tatização do set

### A COMPI

No pós 64, e lações com o p suas reivindic novembro daqu a favoreceram: de energia elé correção automa da inflação e pe como a Light pi de seus ativos" ed. Política, 19



interna mediante a correção monetária das taxas de juros; política salarial e trabalhista capaz de proporcionar às empresas mão-de-obra barata, abundante e bem disciplinada” (Paul Singer, em *A crise do milagre*, Rio, Paz e Terra, 1975). Este modelo, na verdade um desdobramento da política econômica do período JK, provocou uma grande concentração do capital, o endividamento externo, o arrocho salarial etc. Porém, a partir dos anos 1973/74, o modelo começa a apresentar sérios problemas, levando o país a uma crise econômica duradoura.

O setor elétrico, durante os primeiros dez anos do período ditatorial, recebeu um aporte significativo de recursos, permitindo uma grande ampliação da capacidade instalada. As empresas estatais, tanto a Eletrobrás como as de âmbito regional, tiveram um crescimento elevado. Contudo, de 1974 em diante, com a crise econômica nacional e internacional, os investimentos do setor subordinaram-se às diretrizes da política econômica submetida aos problemas da dívida externa e ao combate à inflação. Este fato trouxe sérios danos à continuidade da expansão do setor, chegando, em meados da década de 80, a uma situação complexa e difícil. Em todo este período há uma continuidade da política de estatização do setor elétrico.

#### A COMPRA DA LIGHT

No pós 64, a Light, com boas relações com o poder, tem várias de suas reivindicações atendidas. Em novembro daquele ano, três decretos a favoreceram: “Elevavam as tarifas de energia elétrica, garantiam sua correção automática contra os efeitos da inflação e permitiam às empresas como a Light proceder à reavaliação de seus ativos” (*Retrato do Brasil*, ed. Política, 1984). A partir daí, o



O “prédio da Light”, em 1981, quando é criada a Eletropaulo

grupo Light passa a diversificar suas atividades no Brasil, dando prioridade aos setores de serviços financeiros, bens de consumo – alimentos e bebidas –, mineração, turismo e exportação. “Os investimentos *non-utility* começaram (...) em 1963, com a criação da pequena *holding*, a OEG – Organização e Empreendimentos Gerais – e a reativação de uma empresa de investimentos, a Brascan, então Brascan Expansão e Investimentos, que tinha sido criada, em 1958, para o lançamento das ações da antiga São Paulo Light” (“O comandante da Light e da Brascan”, *Exame*, julho de 1973). Depois de 1966, com a venda da Cia. Telefônica Brasileira ao governo federal, por 96 milhões de dólares, os investimentos ganharam maior diversificação. “Resultado: em 1959 a *holding* da Light era formada por treze empresas, sendo onze de serviços públicos. Em 1973, já com o nome de Brascan, controlava ou participava acionariamente de 32 empresas, sendo que apenas uma – a Light - Serviços de Eletricidade – explorava serviços públicos”. (*Retrato do Brasil*, obra já citada).

Finalmente, em 1979, a Light -

Serviços de Eletricidade S.A. é comprada pelo governo federal através da Eletrobrás – dois anos antes de vencer o prazo de concessão –, que pagou os valores estipulados pela empresa. Em 1981, dois anos depois, passa para o controle do governo de São Paulo, que cria a Eletropaulo.

Resistindo aos casuísmos e ao autoritarismo impostos pela ditadura, as oposições se rearticulam numa ampla frente democrática que, a partir de 1974, impõe seguidas derrotas eleitorais ao regime, através do MDB. Paralelamente, a sociedade civil (sindicatos, entidades estudantis, de moradores, advogados, cientistas, jornalistas, Igreja...) se reorganiza e se mobiliza a favor da democracia. E nessa luta contra o regime ditatorial, a oposição encaminha vários movimentos: pela anistia, por eleições diretas e muitos outros. A ditadura só será derrotada em janeiro de 1985, com a vitória dos candidatos da Aliança Democrática. Inicia-se, então, o período de transição para a democracia, que com a promulgação da nova Constituição, em outubro de 1988, estabelece o Estado de Direito Democrático. △

# A LIGHT DE CADA UM



“A Light evoca a transformação da iluminação a gás em elétrica. Quando criança, via aquelas pessoas acendendo e apagando os lampiões nas travessas do largo do Arouche e, com a mudança do tipo de iluminação, a lembrança da empresa toma corpo.”

**EDGARD CARONE**, 65 anos, historiador.

“Era uma empresa que, no geral, pagava bem os diretores e não muito bem os setores médios. Embora tivesse sempre muito trabalho a ser executado, o relacionamento entre seus funcionários foi sempre muito bom.”

**ALBERT CHARLES SIMPKINS**, 81 anos, ex-chefe de Auditoria.

“A Light se associa à lembrança que tenho da alta sociedade: os representantes da empresa eram muito elegantes. Antes de chegarmos ao Brasil, eu e Pietro (Pietro Maria Bardi, diretor do MASP) já conhecíamos o sr. Mackenzie (Alexander Mackenzie) de Florença, Itália, onde ele havia morado por algum tempo. A Light no Brasil era muito elegante e eficiente como o sr. Mackenzie.”

**LINA BO BARDI**, arquiteta.

“Era uma firma boa. Me arrependo de ter saído após oito anos de trabalho. Se tivesse me aposentado na Light, receberia uma pensão mais digna. Nunca vou esquecer os anos de serviço, principalmente quando ajudei a construir a ligação elétrica Mogi das Cruzes - Cubatão.”

**DOMINGOS JOSÉ FERREIRA**, 66 anos, aposentado, trabalhou na Light entre 1949 e 1957.



Fiore Giglioti: bondes e ônibus

“A cidade perdendo seus bondes e, mais tarde, substituindo-os pelos ônibus elétricos, me faz lembrar da Light que conheci.”

**FIGIORE GIGLIOTI**, 59 anos, locutor esportivo.

“Os acidentes que sofri no trabalho marcaram profundamente minha vida, mais do que qualquer tipo de lembrança.”

**FRANCISCO SOLA**, 84 anos, ex-eletricista de linhas subterrâneas.

“Eu me recordo da Light como uma empresa boa, que na parte médica tomava todos os procedimentos corretos em relação aos seus funcionários. Foi uma das primeiras a contar com um trabalho de prevenção de acidentes.”

**EURICO DA SILVA BASTOS**, 86 anos, ex-médico chefe.

“Lembrar que a Light se propôs a construir um metrô somente com a liberação, por parte do governo, de um pequeno aumento na tarifa dos bondes, na década de 30, foi o que de mais significativo retive na memória.”

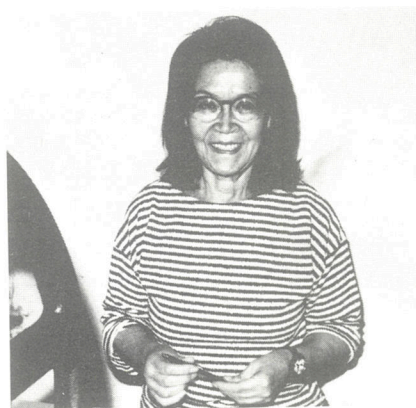
**MOACYR PEIXOTO**, 79 anos, ex-chefe da Seção de Comunicações.

“Nos meus 32 anos de companhia, o que de mais significativo pude identificar se relaciona à época de transformação da Light, de empresa privada para pública, quando se operou, também, a transformação de seus objetivos, que passaram a ser de prestação de serviços de utilidade pública e não mais um tipo de serviços que, qualificados como de iniciativa privada, visavam lucros financeiros.”

**OSCAR A. ARICÓ**, 46 anos, chefe do Departamento de Relações Comerciais.

“A Light sempre servia bem à população. Isto é o que me ocorre quando me recordo da empresa. Lembro-me ainda das construções de represas para a geração de energia, da iluminação, que deixou a paisagem noturna da cidade mais bonita, dos bondes de 1936, que eram diferentes dos que existiam no Japão, pois os daqui tinham os dois lados abertos. E não posso deixar de esquecer da distinção da pessoa do sr. Edgard de Souza, que me foi apresentado pelo jornalista Assis Chateaubriand. Enfim, na minha cabeça, a Light era tudo isso.”

**TOMIE OHTAKE**, 73 anos, artista plástica.



Tomie Ohtake: paisagem noturna

Qual a s  
Nestes depo  
Memór



“Quando chegar nossa primeira c  
bonde da Light e  
Nesses anos, o  
neiro era um emp  
rava como se adi  
de avião.”

**JOÃO SALVAI**  
anos e **JOSÉ PEI**  
pla sertaneja **TO**

“Na minha época  
bons tempos, nã  
rintendências, n  
tendentes. Os f  
mais respeito pel

**LOURDES C.**  
ex-telefonista.

“Eu aprendi des  
lhar numa empre  
vam sempre exe  
E esta empresa,  
minha vida profi  
me que, com fid  
as pessoas conse  
da. Se eu pude  
que fazer da min  
minha carreira,  
comecei, na Ligh

**PEDRO AUGU**  
**JR.**, 86 anos,  
Comercial.

*Qual a sua mais significativa lembrança da Light?  
Nestes depoimentos a Eduardo G. Zebini, da redação de  
Memória, a opinião sobre a empresa canadense.*



Paulo Autran:  
"Bondes, mais  
do que a luz, a  
Light era  
os bondes"

A dupla  
sertaneja  
Tonico  
e Tinoco:  
curiosidade

"Quando chegamos a São Paulo, nossa primeira curiosidade era ver o bonde da Light e o prédio Martinelli. Nesses anos, o emprego de motorista era um empregão que se admirava como se admira hoje um piloto de avião."

**JOÃO SALVADOR PEREZ**, 71 anos e **JOSÉ PEREZ**, 68 anos, a dupla sertaneja **TONICO e TINOCO**.

"Na minha época, a Light era dos bons tempos, não havia tantas superintendências, nem tantos superintendentes. Os funcionários tinham mais respeito pelos chefes."

**LOURDES C. VICÁRIA**, 60 anos, ex-telefonista.

"Eu aprendi desde menino a trabalhar numa empresa cujos chefes davam sempre exemplos de seriedade. E esta empresa, na qual comecei a minha vida profissional, demonstrou-me que, com fidelidade ao trabalho, as pessoas conseguiam vencer na vida. Se eu pudesse ter escolhido o que fazer da minha vida, no início de minha carreira, eu reiniciaria onde comecei, na Light de então."

**PEDRO AUGUSTO DO AMARAL JR.**, 86 anos, ex-superintendente Comercial.

"Era uma empresa exemplar. A companhia canadense soube perceber, no hemisfério sul, onde podia se desenvolver. E, nos momentos de equilíbrio das finanças internacionais, ela colaborou ajudando a acelerar a marcha de desenvolvimento que se processava no Brasil."

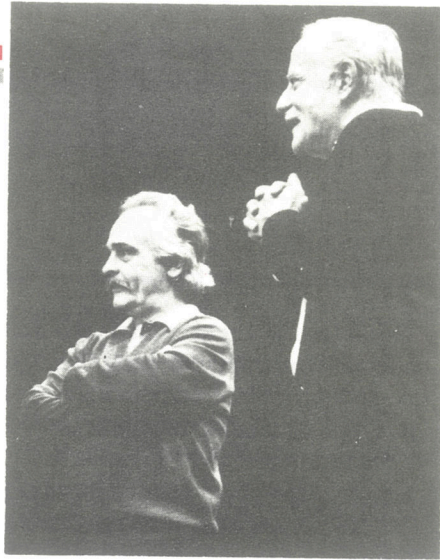
**AZIS AB' SABER**, 64 anos, geógrafo.

"Quando trabalhei na Light, encontrei uma excelente estrutura e tive até que me adaptar, tão alto era o nível de organização. O que requereu de mim enormes esforços."

**ALDO SCHMIDT**, 64 anos, ex-chefe do Departamento de Serviços Gerais.



Aldo Schmidt: nível de organização



"Bondes, mais do que a luz, a Light era os bondes. O prédio ao lado do antigo viaduto do Chá era lindo! Quando eu era garoto, o centro era o teatro Municipal, o viaduto do Chá, o prédio da Light, a praça Patriarca e a antiga Mappin de cinco andares."

**PAULO AUTRAN**, 65 anos, ator.

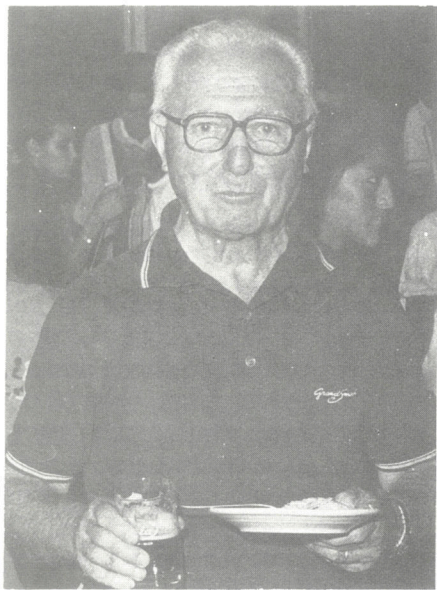
"A antiga Light & Power foi uma organização imperialista, instalada entre nós no final do século passado, para exploração dos serviços de eletricidade, força e transportes urbanos (bondes), que cresceu com o nosso desenvolvimento populacional. Estava ligada principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Seu aumento de capital se efetuou às custas dos polpudos lucros que auferia aqui e de empréstimos externos realizados pela matriz, depois transferidos do Brasil a juros elevados. Além disso, antes de findar o contrato e nos entregar todo o seu acervo, como estava estabelecido, conseguiu nos vender por elevado preço, graças, certamente, à conivência dos maus brasileiros que dirigiam o país na época. Por isso, a lembrança mais significativa que guardo daquela empresa é que quando andava de bonde ou utilizava a sua eletricidade, sentia inferioridade ante os outros países mais adiantados, onde tais serviços eram municipalizados, não exigindo retorno de capital e lucros, ficando tudo aqui para investimento em nossa expansão."

**HEITOR FERREIRA LIMA**, 83 anos, economista e historiador.

## A LIGHT DE CADA UM

“Considero a Light como uma verdadeira universidade para mim. O que adquiri de conhecimento nos anos em que nela trabalhei, dificilmente teria conseguido fora dela.”

**CAETANO CARLOS PAIOLI**, 81 anos, ex-chefe do Departamento de Serviços do Interior.



Lélia Abramo:  
“Panorama suave do Anhangabaú da época”



Caetano:  
“Verdadeira universidade”

“A amizade que existia entre funcionários e chefes tornava a vida na empresa familiar.”

**TELEUTÉRIO BRICK**, 82 anos, ex-chefe da Divisão de Material Elétrico.



Teleutério: “Empresa familiar”

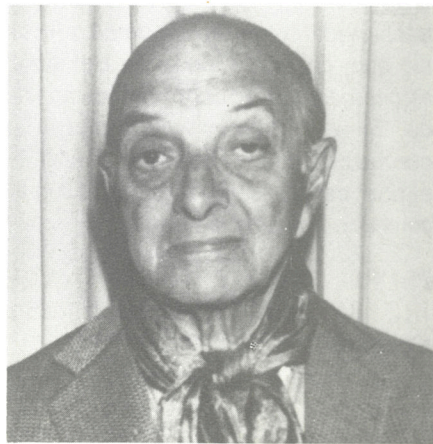
“Era uma empresa muito avançada, de muita precisão, e agia administrativamente muito bem. Era cumpridora de seus propósitos de distribuir energia na cidade. Porém, o que mais marca sua existência, na minha memória, e que me chocou um pouco, foi o episódio da inauguração do prédio da Xavier de Toledo, na década de 20. Dava a impressão de algo forte e poderoso, como a própria empresa, mudando o panorama suave do Anhangabaú da época.”

**LÉLIA ABRAMO**, 77 anos, atriz.

“O padrão de organização muito elevado, muita honestidade e segurança para o empregado são as maiores recordações que possuo da Light. Era uma empresa que sabia separar bem as coisas, tanto que nas décadas

de 30 e 40 era muito difícil, para ela, conseguir reajustes de suas tarifas e, nem por isso, mudou seu relacionamento com os empregados. Ao contrário, sempre promoveu possibilidades de ascensão para todos.”

**ABAETÊ NOBRE PEDROSO**, 80 anos, ex-chefe de Serviços Administrativos.



“A Light me propõe com os melhores da área em distribuição, oferecendo condições de crescimento e um tratamento pessoal para funcionários veteranos.”

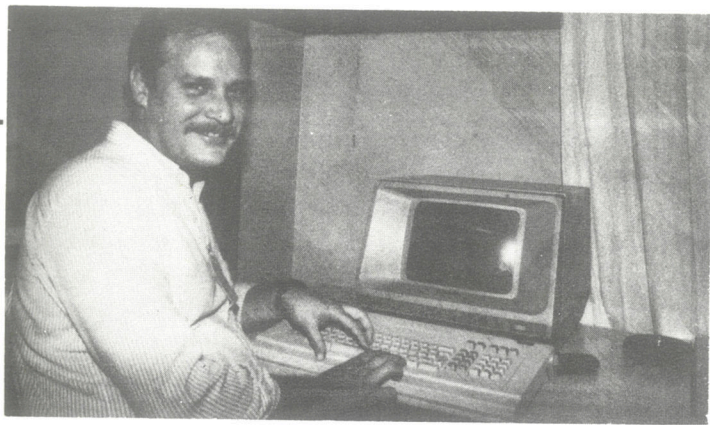
**SÉRGIO HENRIQUE**, 39 anos, analista de Recursos Humanos do Departamento de Informática.

“Dançar na Leitura de sorvetes no Balaço tinha graça se não fosse o passeio noturno na Light, que se entrecruzava com o guloso formado pela Quintino Bocaiuva e

**MARIZYLDA SEIXAS**, primeira repórter fotográfica.

“Uma evocação de infância tem um perfume e fantasia, de lembranças. Como talvez do Povo: quanta gente em nós...”

Lembro-me quando eu comprava cartelas e colocá-las nos trilhos que transitavam na rua Salvador, onde muitos pertenciam à Cia. Lar, subsidiária da Light. Depois que os bondinhos alfinetes ficavam com as transformávamos em brinquedos com as quais



Sérgio Henrique Piccioli:  
"Crescimento profissional"

"A Light me proporcionou trabalhar com os melhores profissionais da área em distribuição de energia elétrica, oferecendo, além de possibilidades de crescimento profissional, um tratamento personalizado na relação funcionários *versus* empresa."

**SÉRGIO HENRIQUE PICCIOLI**, 39 anos, analista de sistemas, funcionário da Superintendência de Informática.

"Dançar na Leitaria Pereira ou tomar sorvetes no Bar Viaducto, nada disso tinha graça se não fosse precedido pelo passeio nos bondes da Light, que se entrecruzavam no triângulo formado pelas ruas Direita, Quintino Bocaiúva e São Bento."

**MARIZYLDA SERENO**, 80 anos, primeira repórter fotográfica do Brasil.

"Uma evocação da Light... Toda evocação tem um pouco de memória e fantasia, de lembrança e de imaginação. Como talvez dissesse Fernando Pessoa: quanta coisa aconteceu em nós..."

Lembro-me quando ainda era criança e comprava cartelas de alfinetes para colocá-las nos trilhos dos bondes que transitavam na rua da Faísca, em Salvador, onde morávamos. Os bondes pertenciam à Cia. Linha Circular, subsidiária da Light na Bahia. Depois que os bondes passavam, os alfinetes ficavam chatos e nós os transformávamos em pequenas espadas com as quais 'armávamos' os

nossos soldadinhos de chumbo. Mais tarde, ampliamos a experiência: colocávamos pedras nos trilhos e, certa vez, nos afoitamos mais e pusemos um paralelepípedo. O bonde descarrilhou. E ficamos apavorados com as conseqüências, mas ninguém descobriu os sabotadores. Isto na infância...

Na adolescência, lembro-me de um 'quebra-quebra', também em Salvador. Disseram que era a 'revolução', mas, finalmente, ficamos sabendo, pelos adultos, que era um protesto contra o aumento das passagens dos bondes da Circular. A cidade ficou às escuras e todos nós, meninos, achamos aquilo muito misterioso e excitante. Também nessa fase recordo-me de uma greve em Salvador, ainda contra a Circular. Os seus trabalhadores pararam os serviços e conseguiram a adesão de outras categorias profissionais, em solidariedade. Já compreendia vagamente as coisas. A minha avó tinha um empregado negro (copeiro) que abandonou o trabalho para juntar-se aos grevistas. Como se chamava Domingos ficou, por isto, apelidado em casa de 'Domingos do Sindicato'...

Houve um movimento de solidariedade muito grande aos grevistas e me lembro que nas ruas se cantava:

'De um sindicato todos operários fizeram uma greve pra aumentar os seus salários. Aderiram todas as classes pra reforçar houve uma grande corrente contra a Circular.'

Não teve luz e também não teve pão e ficou mudo os telefones sem ter comunicação.

Durante a greve não houve jornal também não teve bonde pra nenhum ramal.

Os fabricantes pararam um instante até que os operários saíssem triunfantes. Agora reina imensa alegria viva os operários da nossa Bahia.'

Jorge Amado, no seu romance *Ju-biabá*, transcreve esses versos com várias diferenças, mas foi assim que os retive na memória.

Depois, vem a juventude, a atividade estudantil e com isto a imagem do polvo canadense. A imagem se politiza e passamos a ver a Light como símbolo de exploração e da dominação. Queríamos que tudo aquilo que representasse *modernização* da sociedade brasileira nos pertencesse. E a Light expressava, pelo seu poderio e pela sua presença no cotidiano do brasileiro, o símbolo da dominação e subordinação contra o qual nos rebelávamos. Ainda na juventude, vem a participação política mais ativa e o engajamento em campanhas como *Tudo pela encampação da Light*. Reiniciamos a pôr alfinetes nos seus trilhos para transformá-los em espadas, lanças de dom Quixote, ou a colocar paralelepípedos, para ver se conseguíamos descarrilhar os seus bondes.

Última etapa das recordações: já na maturidade, lembro-me de que, em praça pública, exigíamos a sua encampação e soldadinhos que não eram de chumbo e tinham espadas que não eram feitas de alfinetes se dirigiam em nossa direção..."

**CLÓVIS MOURA**, 63 anos, historiador.

# VELHOS GUERREIROS

A trajetória de antigos lightianos.



“Nasci em 18 de fevereiro de 1918, no bairro da Ponte Pequena. Imigrante napolitano, meu pai tinha chegado ao Brasil no começo de 1900 e se estabeleceu primeiramente na Mooca. Depois de uma passagem como músico tubista na Força Pública, adquiriu uma casa de cômodos na Ponte Pequena e, com o aluguel, sustentava a família – a mulher e quatro filhos.

Até os 17 anos não precisei trabalhar: meu pai tinha condições de financiar meus estudos. Mas quando terminei o ginásio, já trabalhava como aprendiz numa serralheria perto de casa para sustentar meu curso de Contabilidade no Liceu São Paulo.

Nos dois primeiros anos na serralheria, lembro que meu pai sempre repetia: ‘A Light é uma grande empresa e lá tem bons empregos.’ Nessa época, eu já estava descontente com o serviço limitado que fazia. Apresentado ao chefe da Seção de Despacho da Carga, Teodósio Colaço, fui encaminhado para os testes de admissão. Em 25 de janeiro de 1937, fui admitido como operador na subestação Paula Souza. Era o dia de São Paulo.

De operador, que controlava as chaves de força da subestação, passei a trabalhar nas ‘companhias aliadas’, que eram subsidiárias da Light. Era estafeta viajante e fazia a entrega das contas de luz nas agências do interior. Com o meu primeiro ordenado, comprei um presente para mim mesmo: um relógio. Nos meses seguintes, tive que economizar para poder me casar. Meu pai se opunha ao casamento e eu tive que me virar sozinho. Em 1941, um concurso interno ajudou a aumentar o meu salário: fui promovido a auxiliar de escrita e pude realizar o meu sonho e o de minha mulher Maria: o casamento.

30 MEMÓRIA

Em minha nova função, eu era responsável por todo o material de escritório distribuído na empresa. Foi um ótimo lugar para demonstrar que eu gostava do serviço. Já em 1942, consegui uma promoção para encarregado de grupo de serviço, onde desenvolvi métodos de controle de estoque.

As coisas iam bem naqueles anos da década de 40. Logo chegaram os filhos, Arlete em 44 e Rubens em 45. Eu me dedicava inteiramente ao trabalho e à família. Na época, enfrentava as dificuldades impostas pela guerra – uma delas, o racionamento de produtos alimentícios –, mesmo assim a vida ia continuando naquela toada. A Sociedade Beneficente da Light (SBEL) fornecia os produtos indispensáveis, mas sentíamos a falta do açúcar, da carne, da farinha. O pão era feito em casa, com a farinha do macarrão americano dissolvida em água. A Segunda Guerra terminou em 7 de maio de 1945. Em comemoração, a Light nos dispensou do trabalho. A partir daí, tudo parecia voltar ao normal, mas a empresa mostrava dificuldades em aumentar nosso salário, o que nos levou à greve em dezembro de 1945. Saímos do prédio da Xavier de Toledo em passeata até o Palácio dos Campos Elísios, onde reclamamos nossos direitos ao governador. Dois dias depois, voltamos ao trabalho.

Destes movimentos é que surgiu a força da Associação de Funcionários, depois Sindicato, que passou a negociar com o governo os preços da

tarifa, já que a Light não podia conceder-nos aumentos sem o reajuste tarifário. As primeiras reuniões do Sindicato ocorreram sob os postes da rua Conselheiro Crispiniano, com a participação de Alfeu Vanucci e José de Campos Vergal. A empresa não via com bons olhos o envolvimento de seus funcionários na recém-criada associação e, em alguns casos, houve demissões.

Até 1954, continuei como encarregado de serviço. Quando terminaram com as ‘companhias aliadas’ me transferiram, definitivamente, como encarregado de seção na Contabilidade Geral da empresa, onde fiquei até agosto de 1973. Meu trabalho e minha família ocupavam inteiramente a minha vida. Dedicado à empresa, fui obtendo reconhecimentos dia-a-dia. Em 1966, fui eleito presidente da Cepa (Comissão Especial de Prevenção de Acidentes), precursora da Cipa, onde, com artigos publicados nos boletins, tentava contribuir para a prevenção de acidentes.

Em setembro de 1973 assumi o cargo de supervisor. Em 1980, a companhia promoveu nova reclassificação de cargos e funções e cometeu uma injustiça comigo. Escrevi uma carta ao dr. Norris Aranha, presidente da empresa, solicitando uma reparação. Fui atendido no ano seguinte. E, em agosto de 1983, me aposentei com 46 anos de companhia.”

(O depoimento de Benedito André Carotenuto, 70 anos, foi colhido por Eduardo G. Zebini e Edsel O. Britto).



Carotenuto no escritório da Light, na Xavier de Toledo, em 1960: quase meio século de dedicação à companhia



A noite 1912, memória Rosseti, então Era a “Festa pequena Cach a leste da cap o dia sendo e de lâmpadas c derem no cre bém seriam se população, sa região no m energia elétrica.

Na hora m: muitos não fur veio. “E a fes lembra Domir portas e paredade de Cruze.

Foi a prime falar em energ que marcaria t sional. Aos 88 ativo, Doming nha da históri: naquela regiãc raíba. De fatc antes mesmo d se chegar ao 1919, com 18 reira como col gues de São então, distribui

Não era um cas casas esta não havia relc taxa de consun



*Domingos Rosseti:  
aos 88 anos,  
lembranças dos  
tempos difíceis  
no interior do  
Estado de São Paulo*

A noite de 26 de dezembro de 1912 ficou marcada na memória do menino Domingos Rosseti, então com 12 anos de idade. Era a “Festa da Chegada da Luz” à pequena Cachoeira Paulista, 210 km a leste da capital, e a cidade passara o dia sendo enfeitada com dezenas de lâmpadas coloridas para se acenderem no crepúsculo, quando também seriam servidos comes e bebes à população, saudando a entrada da região no mundo maravilhoso da energia elétrica.

Na hora marcada, porém, os circuitos não funcionaram e a luz não veio. “E a festa foi à luz de velas”, lembra Domingos, em sua casa de portas e paredes altas, na vizinha cidade de Cruzeiro.

Foi a primeira vez que ele ouviu falar em energia elétrica, um assunto que marcaria toda a sua vida profissional. Aos 88 anos de idade, lúcido, ativo, Domingos Rosseti é testemunha da história da Light/Eletropaulo naquela região cortada pelo rio Paraíba. De fato, ele estava no ramo antes mesmo da companhia canadense chegar ao vale do Ribeira. Em 1919, com 18 anos, iniciou sua carreira como cobrador da Vale Rodrigues de São Paulo, empresa que, então, distribuía luz e força na área.

Não era um trabalho difícil. Poucas casas estavam ligadas à rede e não havia relógios para a leitura: a taxa de consumo era fixa. Tampouco

se tratava de uma grande empresa. Em Cachoeira Paulista, havia dois funcionários: ele e o chefe da agência, Avelino Verbim. A sede era a própria casa do agente.

Quase dez anos depois, em 1928, quando chegaram os canadenses da Light, assumindo o direito de distribuição de energia elétrica, o escritório havia crescido, mudado de local e admitido mais funcionários. No ano seguinte, Domingos foi promovido a chefe do escritório e, em 1930, convidado para trabalhar na agência de Cruzeiro.

### FILHO DE ITALIANOS

A cidade tinha basicamente quatro ruas: Um, Dois, Três e Quatro. Até hoje, a avenida Nesrala Rubez, onde fica a moderna Agência da Eletropaulo, é mais conhecida por “rua Quatro”. Em 1936, foi nomeado agente da Light. A rede de distribuição tinha 1.500 consumidores ligados – quinze estavam com as contas atrasadas, inclusive um conhecido doutor Varela, deputado, que hoje é nome de rua e que se casou com uma Novaes, da família fundadora de Cruzeiro.

Pelo quilate dos devedores compreende-se porque Domingos levou dois anos para pôr as contas em dia. Chegou aié a receber ameaças de agressão. “Voltinha boa que a gente cortou na vida”, recorda.

Mas o filho de italianos era osso duro de roer. Era rígido na disciplina, bem ao estilo do que queriam os canadenses para a Light. Quem trabalhou com ele conta que não era raro vê-lo abaixar-se na agência para apanhar do chão e jogar no lixo pontas de cigarro atiradas pelos funcionários e, em seguida, passar duras descomposturas nos relapsos. Chegava todos os dias em sua bicicleta. “Jamais deixei a bicicleta na calçada. Sempre na rua, que é o seu lugar.”

Tempos difíceis. A iluminação de rua era com lâmpadas Osram, de 50 watts, importadas da Alemanha. Não havia caminhões para transportar postes e o trabalho de colocação era feito pelas equipes de manutenção, no braço. Periodicamente, os canadenses da Light visitavam a agência para uma vistoria. “Mas a gente não entendia nada do que eles falavam”, diz Domingos.

No dia 31 de março de 1964, aposentou-se como o primeiro agente da Light em Cruzeiro. Ganhou de presente um circulador de ar “que funciona até hoje” e um jantar na Associação Cívica Feminina. Em telegrama carinhosamente guardado, o diretor superintendente geral da Light, Marinho Lutz, desculpava-se por faltar a sua despedida. Motivo: a situação política do país. Naquela mesma noite, o general Mourão Filho desceria com suas tropas de Minas para o Rio de Janeiro, passando ali ao lado, pela via Dutra, dando início ao golpe militar de 1964. “E a minha festa quase não sai.”

(Texto de Antonio C. Augusto, jornalista na Superintendência de Comunicação da Eletropaulo).

# O PODER DA CANADENSE

Ricardo Maranhão

“O povo anda dizendo que essa luz do seu olhar a Light vai mandar cortar!”

Marchinha de Lamartine Babo, 1934



A Light mandar cortar ou acender a luz era coisa do cotidiano. A fala da mãe zelosa, diante do marido desleixado: “Você pensa que é sócio da Light?”, também era coisa cotidiana, se a luzinha do terraço ficasse acesa na madrugada. A Light podia muito, quase tudo, pelo menos até há uns dez anos atrás, no terreno das modernidades da luz e da força.

Não era à toa. Mal consolidada a República, a Light & Power começava a reinar sobre um dos serviços públicos mais importantes. Ou a governar um insumo dos mais decisivos para a passagem do Brasil de colônia ou neocolônia agrícola ao país industrializado, dependente e contraditório que é.

A primeira autorização da The São Paulo Tramway, Light and Power Co. Ltd. para operar no Brasil, em 17 de julho de 1899, foi presidencial, e quem a autorizou era nada mais, nada menos, que um dos seus chefes de Estado de maior fama: Campos Salles. Fama adquirida por ter consolidado, institucional e financeiramente, a República dos cafeicultores e coronéis, depois das estripulias e conflitos iniciais.

Em 1899, São Paulo não era a capital do país, mas tinha importância política sobre as decisões da República, então dominada pelo Partido Republicano Paulista (PRP). O jovem e astuto advogado canadense Alexander Mackenzie, ao lado do engenheiro americano Frederick Pearson, conseguiu da Prefeitura e da Câmara de São Paulo, passando por cima dos concorrentes locais, a concessão para a Light explorar os serviços de iluminação e de bondes,



Bonde puxado a burro da Companhia Viação Paulista, na rua Direita, em 1900

além da produção de eletricidade.

Mackenzie, na direção da Light até 1928, preocupou-se o tempo todo em influenciar politicamente a oligarquia do PRP, bem como a carioca. Conseguiu ter na gaveta vereadores “contra” e “a favor” da sua empresa, como se pode observar na correspondência interna da primeira direção do grupo anglo-americano-canadense.

## ARMA LIGHTIANA

A “compra” ou “cooptação” de políticos, por dinheiro ou prestígio, foi arma largamente utilizada pela Light. Mas seria ingênuo pensar que apenas essa forma de “power” pudesse explicar a prolongada importância lightiana na Primeira República (até 1930), na Era de Vargas (1930-1954), na república democrático-liberal até 1964 e nos primeiros quinze anos da ditadura militar. A

Light mandava porque estabeleceu um tipo *específico* de poder sobre toda a região em torno do eixo Rio-São Paulo. Maneira similar à que o mesmo grupo, com sede formal em Toronto, estabeleceu sobre importantes regiões do México e da Espanha.

Desde muito antes de Maquiavel, a teoria define que o poder nasce da força acompanhada do consenso. Ou das armas de governo acompanhadas do consentimento legítimo dos governados. A força econômica da Light, como primeira multinacional de tipo moderno a operar no Brasil, só se consolidou graças à sua legitimidade, entre cidadãos urbanos, como portadora da inovação técnica nos transportes e na iluminação. Para o público não importou tanto que concorrentes nacionais disputassem o espaço com a promessa de iluminar e eletrificar a cidade: importou que o vencedor, a Light, chegou primeiro

com a modernidade dos bondes a burro.

No universo da empresa concorrencia, o direito de preferência de terrenos. Junte-se a isso para criar linhas de bondes em áreas despovoadas, especialmente sobre o eixo de circulação imobiliária.

Seu monopólio sobre a energia elétrica, esgoto e gás e aos telefones não testado, mas não controlado pelas demandas industriais resolvidas pelos tribunais sobre as prioridades do nosso parque produtivo pesou sobre o curso de nossa evolução econômica e do loteamento urbano.

Quando, em 1930, a seca devastou a região, a rede elétrica já instalada não teve de ser desmontada. Light o direito de preferência em áreas da cidade para a luz, dominando o mercado, portanto crucial do nosso

## INFLUÊNCIA

O exercício de poder até 1930, se descentralizada e federalizada, a oligarquia paulista centralizada através do PRP. Assim, a Light através da influência em São Paulo após a Revolução de 1930, a influência de um poder centralizador, da economia, obrigados ao jogo.

Inevitavelmente os intervencionistas que entraram em cena nos primeiros anos dos novos poderes



*A força econômica da Light, a primeira multinacional do tipo moderno a operar no país.*

com a modernidade de substituir os bondes a burro pelos elétricos.

No universo urbano de São Paulo, a empresa conquistou, desde o início, o direito de fazer desapropriações de terrenos para efeito de obras. Junte-se a isso sua possibilidade de criar linhas de bonde em bairros despovoados, para ver o seu poder especial sobre o andamento da especulação imobiliária na cidade.

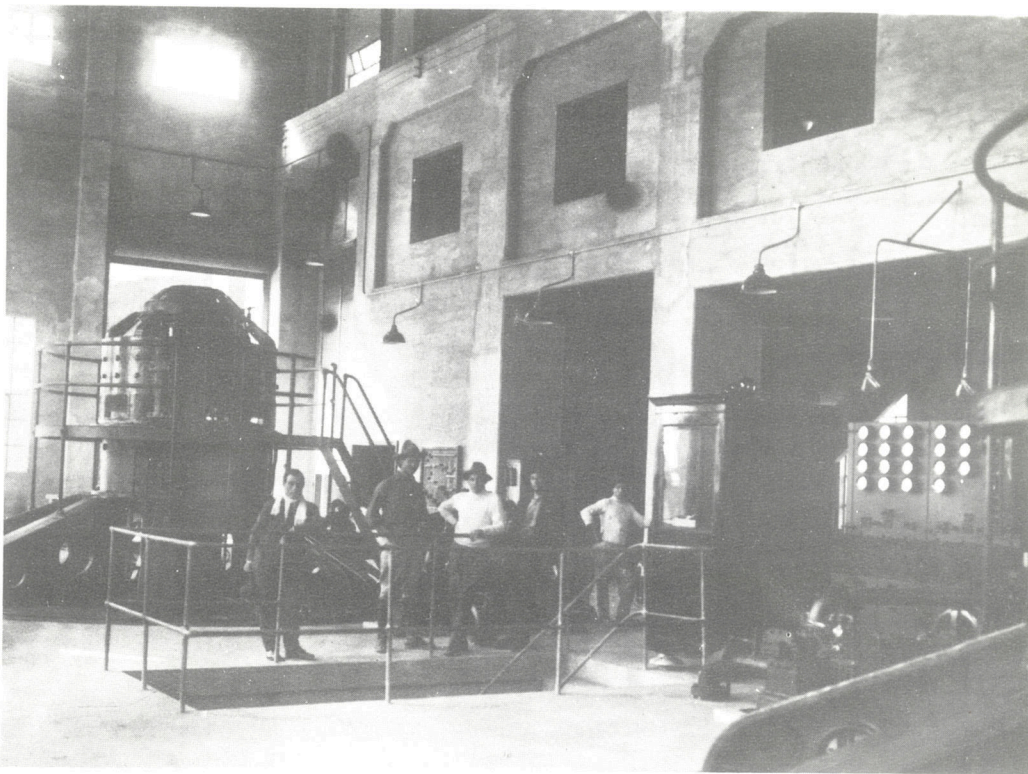
Seu monopólio absoluto da energia elétrica, estendido também ao gás e aos telefones, sempre foi contestado, mas não revogado. O controle das demandas de eletrificação industrial resolveu processos decisórios sobre as primeiras instalações de nosso parque produtivo; e também pesou sobre o encaminhamento de nossa evolução urbana, em se tratando de loteamentos.

Quando, em 1924-25, as agruras da seca devastaram a potência hidrelétrica já instalada, a municipalidade não teve dúvidas em delegar à Light o direito de decidir em quais áreas da cidade ela poderia "cortar" a luz, dominando o racionamento e mandando, portanto, em uma parte crucial do nosso cotidiano.

#### INFLUÊNCIA DIRETA

O exercício do poder republicano, até 1930, se dava de forma descentralizada e federativa, embora a oligarquia paulista controlasse o poder central através de arranjos políticos. Assim, a Light exercia seu controle através da influência local direta nas metrópoles paulista e carioca. Mas após a Revolução de 1930, a emergência de um poder estatal forte e centralizador, capaz de intervir na economia, obrigou-os a mudar as regras do jogo.

Inevitavelmente, as novas tarefas intervencionistas do Estado teriam que entrar em choque com os excessivos poderes das concessionárias



Usina de Rasgão, em 1926: luz da Light para a capital financeira do país

privadas estrangeiras de serviços. O fenômeno passava a ocorrer em escala mundial. Nos Estados Unidos, Franklin Roosevelt sobe à presidência em 1932 lançando seu libelo *Looking forward*, em que se assevera: "É inadiável a absorção pelo Estado dos serviços de energia elétrica, para que os próprios governos não fiquem submetidos a um poder privado semelhante". Na Itália, entre 1924 e 1925, e principalmente a partir de 1940, um vasto conjunto de medidas legislativas galvanizou a política nacional em torno da regulamentação do problema das águas e da energia elétrica.

No Brasil, a afluência de grupos nacionalistas e a ação de personagens como Juarez Távora e Artur Bernardes marcaram as lutas para restringir o poder das multinacionais energéticas. As ações legais do Estado, chefiado pelo governo de Vargas, tiveram início em 1934, com a

promulgação do famoso "Código de Águas".

#### ADVOGADOS FAMOSOS

A Light precisou reagir, atuando politicamente em escala nacional. Cresceu muito a presença de seu poderoso Departamento de Relações Públicas, inserindo na grande imprensa falada e escrita copiosos artigos favoráveis à ação da multinacional e desenvolvendo campanhas de esclarecimento e de propaganda dos benefícios da eletricidade que vendia. Poderoso também foi o seu Departamento Jurídico – embargando ou retardando ações legais do Estado contra seus interesses. Contou em seus quadros com os mais famosos advogados brasileiros, à exceção, talvez, apenas de Raymundo Faoro, por ter trabalhado *contra* a Light em rumoroso processo de abuso de poder econômico movido pelo Estado

## O PODER DA CANADENSE



O ministro Shigeaki Ueki (centro) e Antonio Galotti, presidente da Light (à esq., de óculos): venda da Light, em 1978

da Guanabara (hoje Rio de Janeiro). Veiga Fialho, em *A compra da Light* (1979), investiu as pessoas a serviço da empresa: “Ministros, oficiais das Forças Armadas, senadores, deputados, tornavam-se seus funcionários, e, por outro lado, seus funcionários eram escolhidos e indicados para ministros, senadores, deputados, desembargadores e outros cargos do primeiro escalão. Ela interferiu na elaboração de numerosas leis e decretos e até das próprias Constituições (...). A custo formaram-se, no Congresso Nacional, Comissões Parlamentares de Inquérito que descobriram subornos, furtos de documentos oficiais, obtenção de decretos lesivos à economia pública, lucros ilícitos e outras fraudes.”

Até 1948, o poder da Light era legitimado por sua indiscutível ação técnica modernizante. Foi quando começaram inúmeros racionamentos e cortes de energia, que marcaram boa parte dos anos 50. A Light não conseguia investir na produção de maneira a dar conta do crescimento

geométrico da demanda de eletricidade – função da acelerada industrialização e urbanização –, em parte porque seu poder, embora grande, era limitado: ela não conseguia reajustar suas tarifas de acordo com seus planos de obtenção de lucros, reduzindo, então, sua capacidade de investimento.

### ANOS DECISIVOS

Nessa conjuntura, a empresa usou seu poder de fogo em escala internacional para obter, com o aval do governo brasileiro e contra a opinião dos nacionalistas, vultosos empréstimos do Banco Mundial. Aplicou em obras importantes como a usina subterrânea de Cubatão, mas isso ainda não foi suficiente para acompanhar a demanda ou para instalar a necessária capacidade ociosa planejada para prover a década seguinte.

Nesses decisivos anos 50, a situação fica mais nítida: se falta energia, não há luz, não há chuveiro e fogão, e portanto não há mais legitimidade da Light. Os nacionalistas não deixa-

riam de usar esse fato em seu combate. Por outro lado, a tendência mundial de encampação do setor elétrico pelo Estado daria mais frutos no segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954). A vigência do Plano Nacional de Eletrificação, junto com uma série de planos estaduais, a criação de empresas do poder público, como a Chesf, a Cemig e a Uselpa, culminaram em 1953 com a apresentação ao Congresso do projeto Eletrobrás.

### DÓLARES E DÍVIDAS

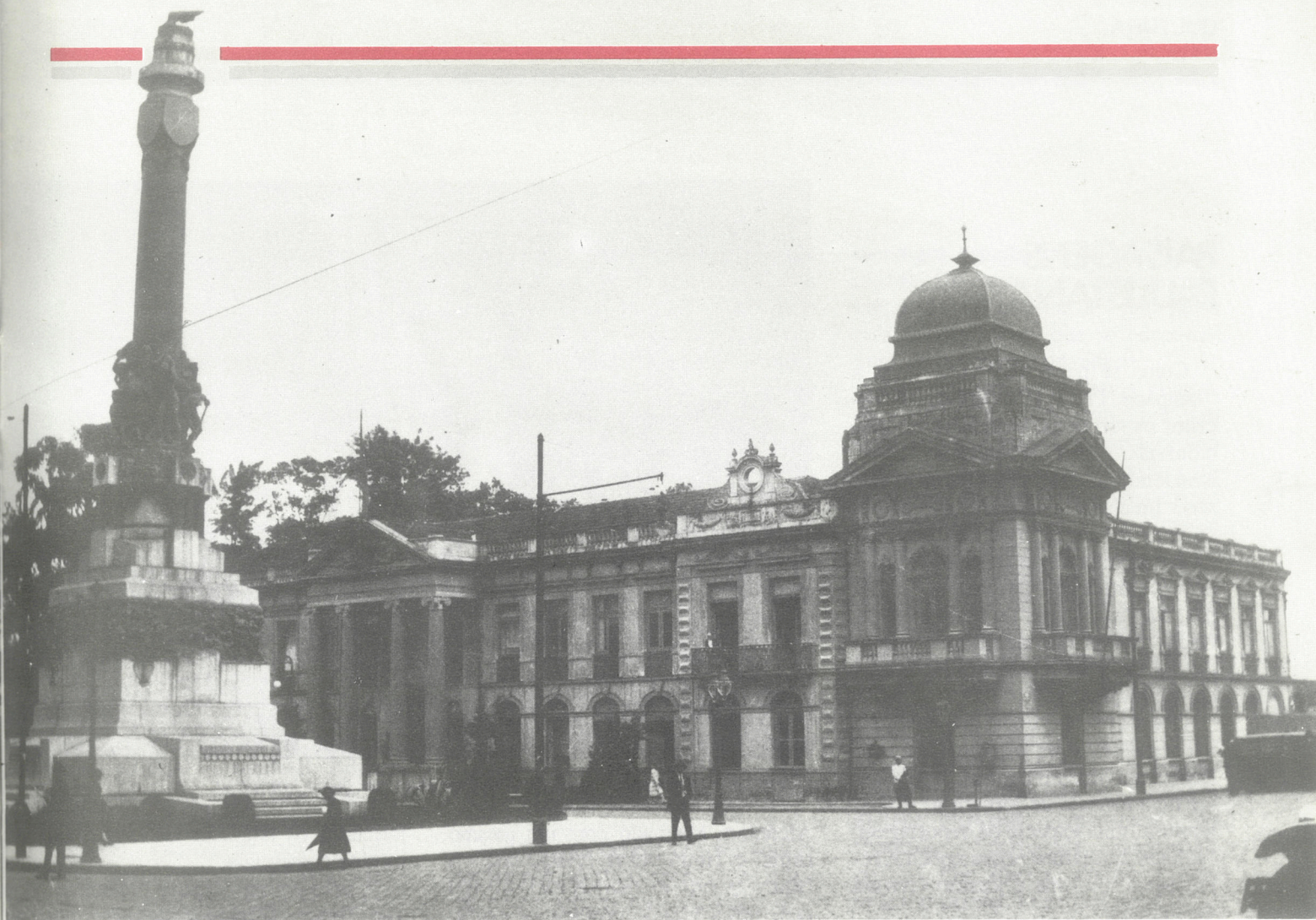
O lobby antiestatizante da Light no Legislativo conseguiu adiar, por quase dez anos, a criação da empresa *holding* nacional do setor elétrico. Mas ela era inevitável, e surgiu em 1962. Entretanto, a instalação da ditadura militar em 1964 consolidou o processo estatizante: embora o golpe de 31 de Março fosse contra o nacionalismo estatista de João Goulart, a ditadura militar que o sucedeu promoveu o mais vasto processo de centralização política e estatização econômica jamais visto no país. No bojo desse processo, a Light seria encampada no Natal de 1978.

Ainda está para ser escrita, sem as paixões do fogo do combate político momentâneo, a verdadeira história da encampação da Light. Há muito para esclarecer sobre as razões dos governantes militares decidirem pagar US\$ 400 milhões à multinacional Brascan, *holding* da Light, assumindo US\$ 700 milhões de dívidas; e sobre as razões dos nacionalistas, que afirmaram que a empresa deveria ser encampada simplesmente, além de ressarcir o Brasil por lucros ilícitos. Mas fica uma evidência: a ferocidade dessa polêmica e os oceanos de papel, tinta e gorjetas políticas que nela se gastaram mostram que, mesmo nos seus estertores, o poder da Light era notavelmente grande. △



Palácio do governo

*Nossa lit  
epoca ta  
velas red  
Depois se  
modernis  
resultou  
mais des  
segura n*



Palácio do governo, no Pátio do Colégio, em 1928: o centro paulistano na época das perambulações de Alcântara Machado

Acervo Mário Hill

# PAISAGENS PAULISTANAS

*Um passeio por São Paulo na obra do  
contista-cronista-repórter Alcântara Machado.*

Nádia Battella Gotlib

*Nossa litteratura essa  
epoca tambem teve  
velas redomas.*

*Depois scintilou Phillips  
modernista donde  
resultou sua geração  
mais desenvolta mais  
segura mais perigosa.*

**É** assim que Oswald de Andrade, do navio “Cap Polonio”, escreve para Antonio de Alcântara Machado, nos idos de dezembro de 1925. Esta correspondência, de um modernista a outro, redigida de acordo com a onda futurista da década anterior, em linguagem “telegráfica sem fios”, anuncia as duas épocas da cidade de São Paulo: a de antes e a depois da eletricidade.

Pois é mesmo esta revolução nos

costumes que os escritores modernistas vão registrar com acentuada frequência. Ainda segundo Oswald de Andrade, antes “havia bruta véla praça Antonio Prado accessa dia e noite” e “hoje (...) quem tivesse idéa accender véla Triangulo seria preso”.

Nádia Battella Gotlib é professora de literatura brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.



meias brancas, gravatinha deste tamaninho, chapéu à Rodolfo Valentino, paletó de um botão só”.

Entre o pretendente que tem carro e o outro, “entregador da casa Clark”, Carmela decide: passeia no Buick e sem a amiga Bianca. A opção não deve ter sido difícil, embora difícil fosse rico se casar com uma pobre costureirinha de subúrbio.

É o que se comprova com uma outra investida, de um outro automóvel, no conto “A sociedade”, também de *Brás, Bexiga e Barra Funda*. O “Lancia Lambda vermelhinho, resplandente, pompeando na rua (...), passou como quem não quer. Quase parando. A mão enluvada cumprimentou com o chapéu Borsalino. Uiiiiiii! – uiiiiiii! Adriano Melli calcou o acelerador. Na primeira esquina fez a curva. Veio voltando. Passou de novo. Continuou. Mais duzentos metros. Outra curva. Sempre na mesma rua. Gostava dela. Era a rua da Liberdade. Pouco antes do número 259-C já sabe: uiiiiiii – uiiiiiii!” Enquanto ela, a moça, filha de quatrocentão de estirpe, aparecia com “vestido de Camilo, verde, grudado à pele, serpejando no terraço”.

### NEGÓCIO RENDOSO

A contraposição não se faz, neste conto, pela disparidade de classe, mas de cultura. Ele é o típico filho de pai italiano imigrante que enriqueceu. Ela é a típica filha de família tradicional paulista. Mas... o dinheiro vence os preconceitos. O pai italiano oferece aos quatrocentões financeiramente decadentes um negócio rendoso, para que o casamento se faça. E faz-se. E a mãe dela, depois de algumas resistências, terá de aceitar como genro o filho do italiano “que lhe vendia cebolas e batatas, óleo di Lucca e bacalhau português, quase sempre fiado e até sem caderneta”.

Nestes dois casos de namoro, os personagens são, de um lado ou dos dois, italianos radicados em São Paulo. Este é o tema central desta obra de Alcântara Machado intitulada, muito a propósito, *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Para a união das famílias, não há impedimento de raças: as resistências acabam, facilmente, com um bom negócio. Mas há impedimentos de classe. Tudo indica que Carmela continuará costurando e irá se casar com o caixeiro apaixonado, pejorativamente chamado pelo dono do possante Buick de “barbeirinho”, ocupação típica de italiano pobre. E a paulistana de tradição só aceitará o “italianinho” porque... ele é rico e a união torna-se oportuna.

### BOM HUMOR

A denúncia parece não ser aqui o fundamento desta escrita, como o foi em tantos artigos que Alcântara Machado escreveu para a imprensa, onde, entre tantos outros assuntos, reconhece a grande quantidade de

mendigos espalhados pelo centro da cidade. Ou em que se ocupa de criticar, sistematicamente, a Light pelas más condições em que se encontravam os transportes da cidade.

Mas mesmo aqui nestes contos, caracterizados, sobretudo, por um saudável bom humor, o narrador não deixa de registrar certos detalhes indicadores da condição intensamente desfavorável em que vivia a classe pobre nesta cidade em franco processo de industrialização. Tais pormenores aparecem através do humor irônico. Carmela sonha, fantasia, lê folhetins à noite, quando, então, o italiano bronco surge gritando no corredor e dando “uma cusparada daquelas”. Também quando o italiano rico oferece negócio e o quatrocentão retruca que não tem capital, o italiano responde, simplesmente, no chamado “português macarrônico”: “– *Per Bacco*, doutor! Mas *io* tenho capital. O capital *sono io*”.

Alcântara Machado parece não se preocupar em despertar o leitor para as sérias dificuldades de se romper



Bonde da Light na avenida Consolação, em 1929

## PAISAGENS PAULISTANAS

com situações tão solidamente estabelecidas. Além disso, ele se compraz na admiração embevecida deste convívio... amigável. Em que paira, contudo, um espírito lúcido e crítico: nos pormenores que marcam uma pobreza calamitosa ou uma prepotência elitista.

Nestes e noutros contos, o automóvel passa como uma das etiquetas da modernidade, a que têm acesso somente os poderosos: grandes comerciantes e industriais. Os outros andam de ônibus ou de bonde.

Quem anda sempre de bonde é um dos personagens do seu livro *Laranja da China* (1928). Trata-se do paulistano "senhor Platão Soares", versão brasileiro-paulistana do outro, "o filósofo Platão". Ele está sempre na rua porque está sempre a procurar um emprego. E a adiar o momento em que poderá encontrá-lo e... começar a trabalhar. Enquanto isso, pratica a vadiagem, num vai-e-vem em que sua constante e incurável distração é a responsável por situações cômicas diversas.

Com a pose de quem não é o que, na verdade, é, o vadio profissional, absolutamente avesso a qualquer ação de ordem prática, desfila pelas ruas: "Abriu a porta. Fechou. Vinha vindo um bonde a duzentos metros. Esperou. Agora o ônibus. Esperou. Agora um automóvel do lado contrário. Esperou. Olhou bem de um lado. Olhou bem do outro. Certificou-se das condições atmosféricas de nariz para o ar. Marcialmente atravessou a rua."

É com pose que atravessa a rua cheia de automóveis, bondes, ônibus. E é com pose que se põe a esperar a condução. O diálogo com seu antigo conhecido, Argemiro, mostra também a ostentação, ridícula, de um

*status quo* que, na realidade, ele não tem:

— Boa tarde, Platão.

— O mesmo, Argemiro, como vai você?

— Aqui neste salão esperando o maldito 19 que não chega!

Platão cavou em arzinho risonho. Acendeu um cigarro. Disse sem olhar:

— Eu espero o ônibus da Light.

— Milionário é assim."

Enquanto continuam esperando, ao ver o 19 passar abarrotado de gente, Platão insiste uma vez mais na ostentação:

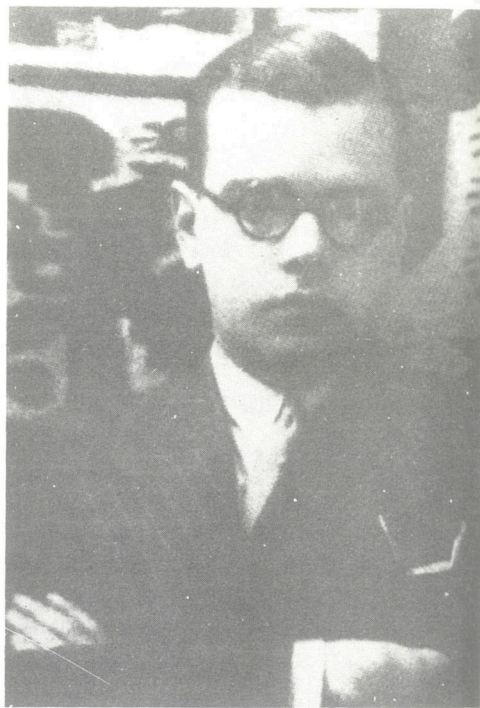
— Esse é um dos motivos por que eu prefiro o ônibus da Light apesar do preço. Tem sempre lugar. Depois é um Patek."

Em seguida, Argemiro toma um 19 vazio. Ou finge que toma. E, logo depois, Platão toma não o ônibus, mas outro bonde, o 13, que vinha atrás.

### REPÓRTER LITERÁRIO

Surgem, então, uma série de cenas cômicas: a em que Platão tenta se equilibrar no estribo, imaginando "desastres medonhos"; a em que uma mulher lhe pede licença e se senta, enquanto ele continua, bobamente, de pé; o trecho em que lhe aparece na frente o Argemiro, chamando-o de "seu Platãozinho", enquanto enfia a cara no bonde, "te gozando, Platãozinho, querido!" E também a cena em que os dois descem do bonde e Platão se justifica, retrucando: "Então eu sou obrigado a andar de ônibus só? E ainda por cima da Light? E não tendo dinheiro trocado no bolso? Homessa agora! Homessa agora!"

É bem verdade que este freqüentador assíduo dos bondes — embora diga que só anda de ônibus — faz de tudo para não arrumar emprego. Adia a entrevista com o responsável pela Saúde Pública. E é, sobretudo,



Alcântara Machado nasceu em São Paulo, em 1901, e morreu no Rio de Janeiro, em 1935



Auto-bus da Light

um distraído: o que escorrega na rua, o que não consegue abrir o guarda-sol, o que despenca da escada, atropelando os que passavam na calçada.

Todas estas cenas cômicas acabam surgindo do disparate entre uma inteligência de filósofo, dada a elocubrações de toda ordem e um comportamento desastrado, conseqüência da mais absoluta falta de espírito prático.

Este passageiro filósofo circula pela cidade flagrado naquilo que comicamente ostenta, mas não tem. O riso, neste caso, torna-se mais perverso. Embora o narrador manifeste simpatia por estes personagens, o que este trânsito pela cidade revela é um trágico desajuste entre intenções, mais ou menos mascaradas, e situações de realidade. Por isso, este passeio realiza, de modo mais crítico que os anteriores, a reportagem literária da cidade.

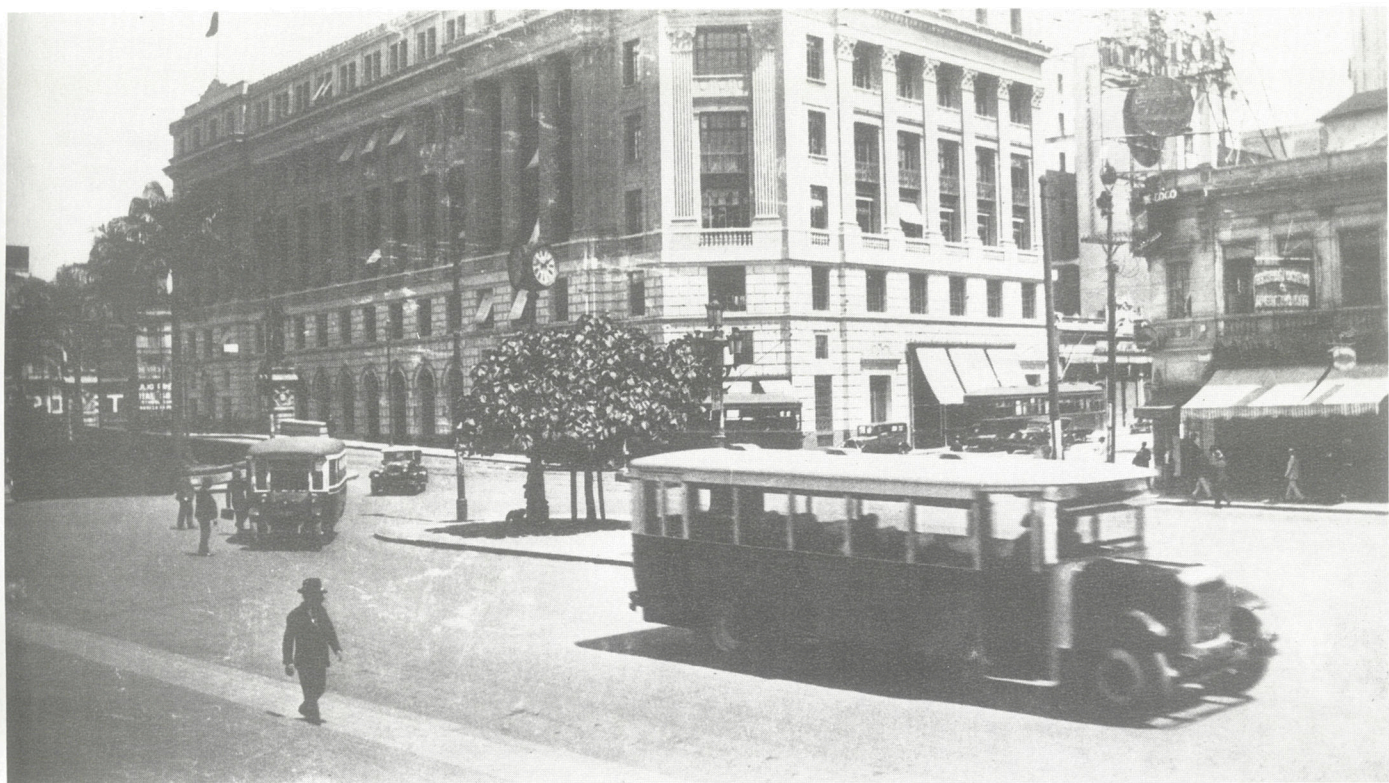
A viagem no "tremzinho" que vai para Belém não reserva doces surpresas nem nas cenas divertidas. Os passageiros são trabalhadores suios: os que entram em Maguari trabalham no matadouro e têm nas roupas manchas de sangue. Já é noite. Estão cansados, famintos, irritados. E não há luz: nem fora nem dentro do trem. O narrador fecha a construção do quadro de modo decisivo: "Parecia

trem de carga ("Apólogo brasileiro: alegoria." In: C

Esta descrição do quadro deplorável vida do trabalhador, aliado do curo, aliado do e sem lucidez revoltada diante ciais. Mas com que irá novamente três segmentos então acontece uma rebelião no falta de luz... lid um cego "de ócu

O interesse entre outros re entre o cego e si viagem. A pri este flautista ba ele é politizado seu companheirc nal não dá nad presidencial?" É que o trem está quando o rapa: Não sei: nós esta

A intensidade cego vai aumen rios que se suc "Não pode se da! Que é que l Não se pode viv necessária! A lu



Acervo Mário Hill

Auto-bus da Light no centro da cidade, em 1929: "Tem sempre lugar"

trem de carga o trem de Maguari" ("Apólogo brasileiro sem véu de alegoria." In: *Contos avulsos*).

Esta descrição inicial mostra um quadro deplorável das condições de vida do trabalhador que vive no escuro, alijado dos brilhos do conforto e sem lucidez de uma consciência revoltada diante dos disparates sociais. Mas contrasta com o humor que irá novamente predominar nos três segmentos seguintes, quando então acontece o fato inacreditável: uma rebelião no trem por causa da falta de luz... liderada justamente por um cego "de óculos azuis".

O interesse deste conto reside, entre outros recursos, no diálogo entre o cego e seus companheiros de viagem. A primeira pergunta que este flautista baiano faz revela que ele é politizado. Pois interroga ao seu companheiro de viagem: "O jornal não dá nada sobre a sucessão presidencial?" É aí que fica sabendo que o trem está em plena escuridão, quando o rapaz lhe responde: "— Não sei: nós estamos no escuro".

A intensidade da indignação do cego vai aumentando, em comentários que se sucedem, até explodir: "Não pode ser! Estrada relaxada! Que é que faz que não acende? Não se pode viver sem luz! A luz é necessária! A luz é o maior dom da

natureza! Luz! Luz! Luz!" Cria-se, então, uma situação insólita. O cego argumenta — e, diga-se, de cátedra — sobre as desvantagens de se viver sem luz, denunciando os "exploradores do povo", pois "no preço da passagem está incluída a luz".

#### REALIDADE ILUMINADA

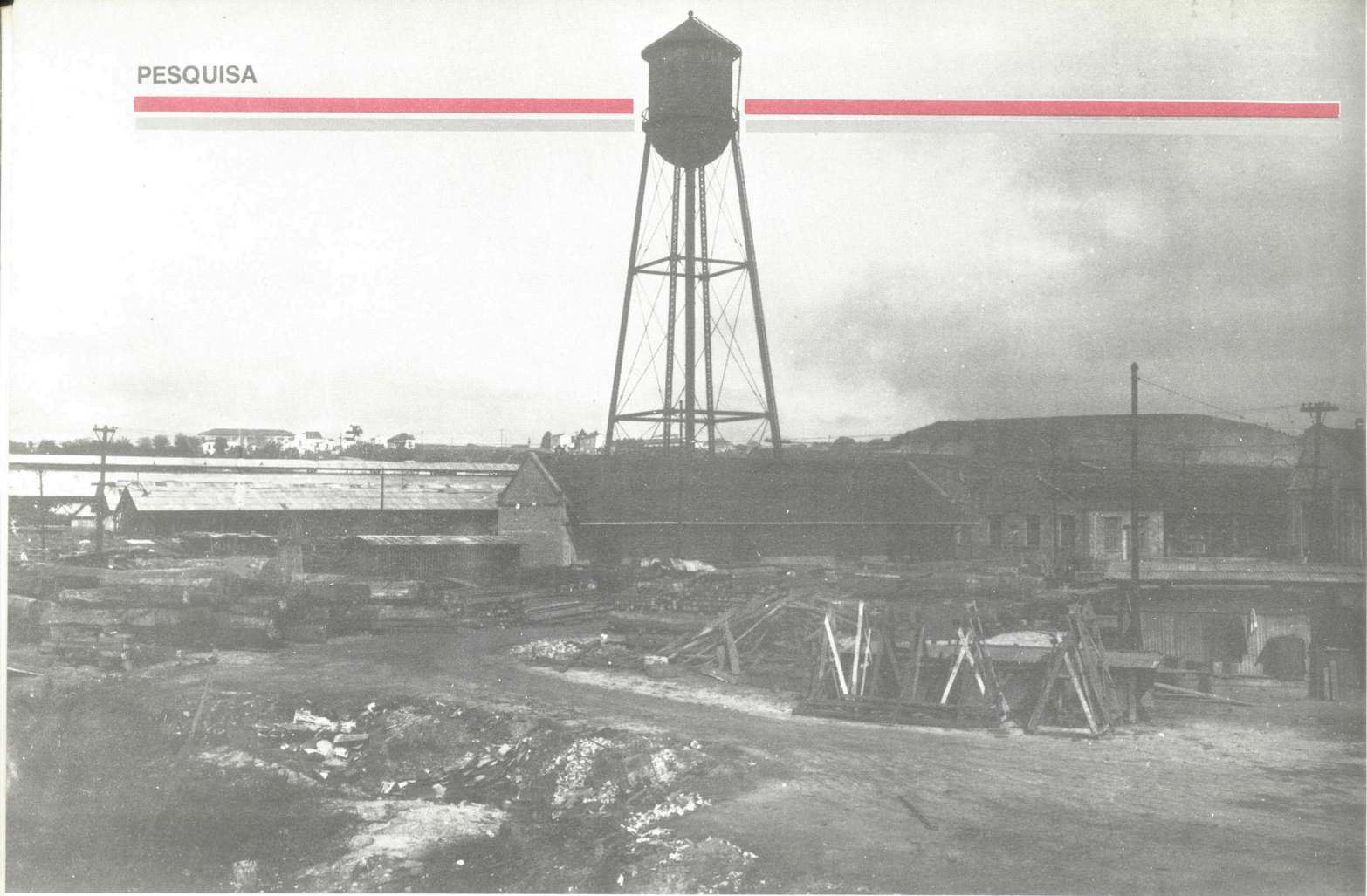
Cresce, no conto, a veia cômica, enquanto cresce a indignação popular. Como entender isso? Mais uma vez, de um lado, surge o pitoresco do inusitado na situação jocosa: o cego líder do motim a favor da luz do trem. De outro, afirma-se o lado sério da situação, até trágica, dos desvalidos. Esta dubiedade vale também para os personagens revoltados. Retalham os bancos do trem com a faca que retalham as reses do matadouro e com a violência, talvez, de quem corta a carne que não pode comer. Mas em meio a tal violência, o pormenor bem-humorado aparece na fala irônica do cego, quando responde ao chefe do trem que, desesperado, lhe pergunta o que era aquilo, se era por causa da luz. O cego responde: "— É por causa das trevas!" E o chefe, aflito, pede "— Calma! Calma! Eu arranjo umas velinhas!"

É também o detalhe cômico que

serve de fecho ao conto. Uma das testemunhas, protestante, impossibilitada de mentir, afirma na polícia que "a causa verdadeira do motim foi a falta de luz nos vagões" e "quem encabeçou o movimento foi um cego" E acabou sendo presa, "porque com autoridade não se brinca".

Mais uma brincadeira do contista-cronista-repórter Alcântara Machado. Neste "Apólogo brasileiro sem véu de alegoria", a história de cunho moral (apólogo) aparece mesmo contada de modo bem direto (sem véu de alegoria). Parece que o autor está apenas brincando. Porém, enquanto brinca, deixa o seu recado bem escrito. Seja de automóvel, de ônibus, de bonde ou de trem, o narrador nos leva a visitar diferentes bairros, gentes, situações. E seu espírito crítico existe nesta seleção dos lugares pelos quais ele nos faz circular. Está, pois, no próprio deslocamento por diferentes espaços urbanos. Ou suburbanos. Até nos fazer chegar, de trem, à realidade bem menos iluminada dos trabalhadores da periferia. Neste ponto termina este nosso passeio.

Já estamos bem distantes das lâmpadas Phillips que alumiam, gloriamente, a praça Antonio Prado. Lá no centro da capital paulista. △



Vista geral das Oficinas, em 1921

# AS OFICINAS DO CAMBUCI

*A história das Oficinas Gerais da Eletropaulo,  
da sua criação aos dias de hoje.*

Milena de Castro Silveira

**R**ua Lavapés, 463, bairro do Cambuci. Nas proximidades do poluído rio Tamanduateí, ficam as Oficinas Gerais da Eletropaulo. Na portaria, um muro branco, onde se destaca em letras garrafais o logotipo da empresa estatal. Do muro para dentro, uma vasta área: são 63 mil metros quadrados. Ali se erguem galpões amplos: pelas ruas de paralelepípedos, transformadores de força, de grande e médio porte, estão amontoados aos cantos, compondo a paisagem desordenadamente fabril. Num vai-e-vem, circulam tratores, caminhões, peruas e outros veículos

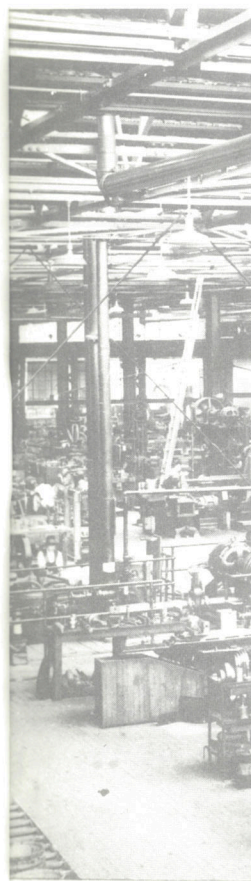
da companhia, transportando gente e equipamentos.

No interior dos galpões, a qualquer hora do dia, é intensa a movimentação. Máquinas enfileiradas – plainas, furadeiras, mandrilhadoras e tornos mecânicos – contribuem para o barulho do pequeno parque industrial. Trabalhadores consertam pedaços de turbinas, peças de motores, partes de rotores e até mesmo móveis antigos. Assim é o dia-a-dia das Oficinas Gerais do Cambuci.

As Oficinas têm história. A data exata de sua criação, porém, é uma incógnita. Pesquisas realizadas em

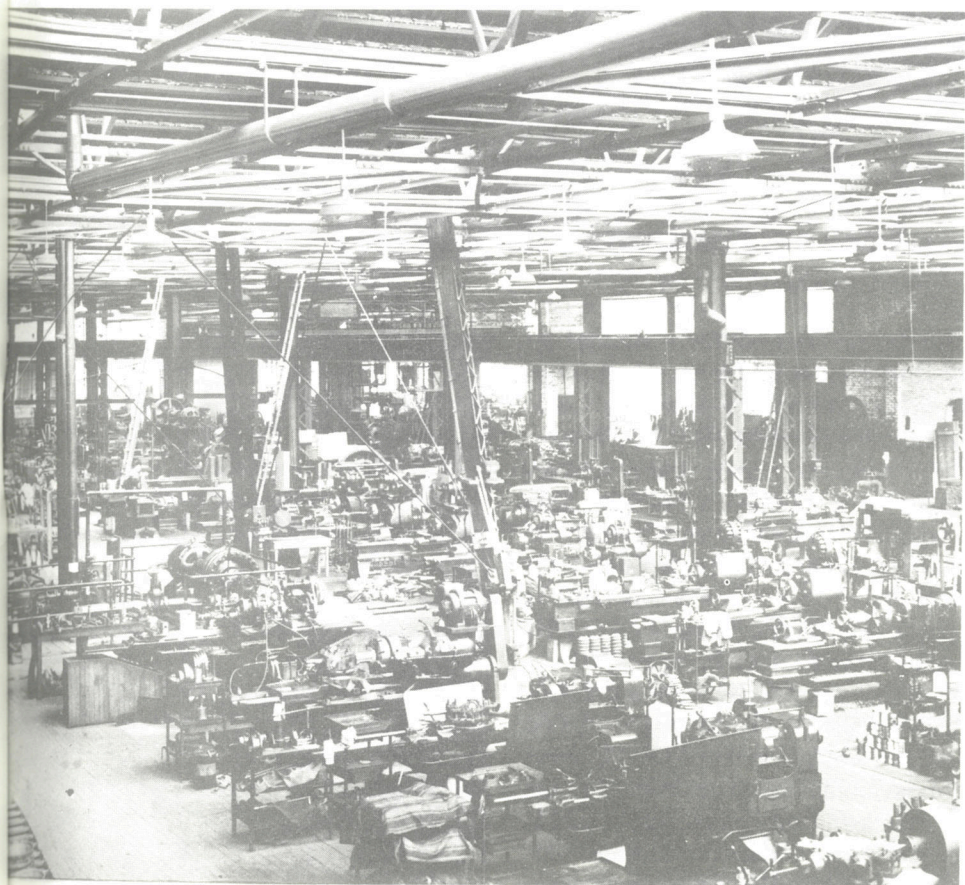
acervos da empresa revelam que as primeiras referências são de 1914. Neste ano, em 26 de julho, Edgard de Souza, então diretor da Light, recebia um ofício detalhado sobre o projeto de construção das Cambucy General Shops. Mas a Light já ocupava galpões e edifícios próximos à área onde seriam erguidas as novas instalações. Exemplos: o barracão na baixada do Glicério para a manutenção dos equipamentos da empresa e o terreno, com cocheira e estábulo, herdado pela Light da Companhia Viação Paulista, no início do século.

No final dos anos 10, o parque industrial paulista não era suficientemente desenvolvido. Por isso, as Oficinas foram criadas para atender a crescente demanda de equipamentos indispensáveis aos serviços de tração, força e luz da empresa canadense. Na fase inicial das construções, o memorial descritivo que chegou às mãos de Edgard de Souza trazia a preocupação com o escoamento das águas no local. O terreno utilizado para as edificações ficava num nível inferior ao sistema de es-



Seção de Máqui





*Seção de Máquinas, em 1936*

gotos da região, à rua Barão de Iguape. Por esse motivo, o Departamento de Esgotos da Prefeitura sugeriu a construção de uma fossa e de um esquema de bombeamento da água das chuvas. “Apesar de aceita a proposta de drenagem, em todos os anos seguintes ocorreriam inundações”, conta Mário Masiero, 70 anos, aposentado em 1969 com 28 anos de casa. “Mesmo com a elevação do nível dos pavilhões, a partir da compactação de terras, nem as máquinas escapavam das enchentes.”

#### VELHAS ATITUDES

Em 1915, o Departamento Sanitário do Município também fazia as suas exigências. Assim, o piso dos galpões foi revestido com cimento para evitar a proliferação de doenças. Banheiros e lavatórios foram construídos em cada unidade, com vasos sanitários munidos de uma novidade: a descarga automática. A empresa inovava nas instalações, mas permaneciam velhas atitudes: os

## AS OFICINAS DO CAMBUCI

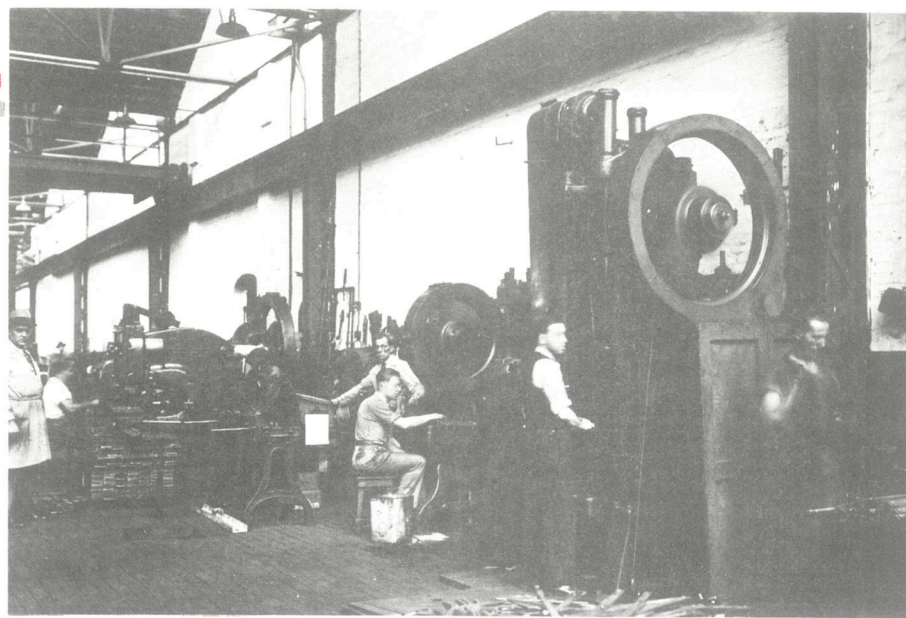
banheiros tinham janelas de vidro para que os feitores vigiassem as atividades dos trabalhadores. “Não havia privacidade alguma”, lembra Mário Ferreira de Almeida, 60 anos, aposentado desde 1984, com 38 anos de serviços prestados à companhia. “Nós podíamos ir ao banheiro, inclusive para fumar, no máximo três vezes ao dia.”

### ÉPOCA DE EXPANSÃO

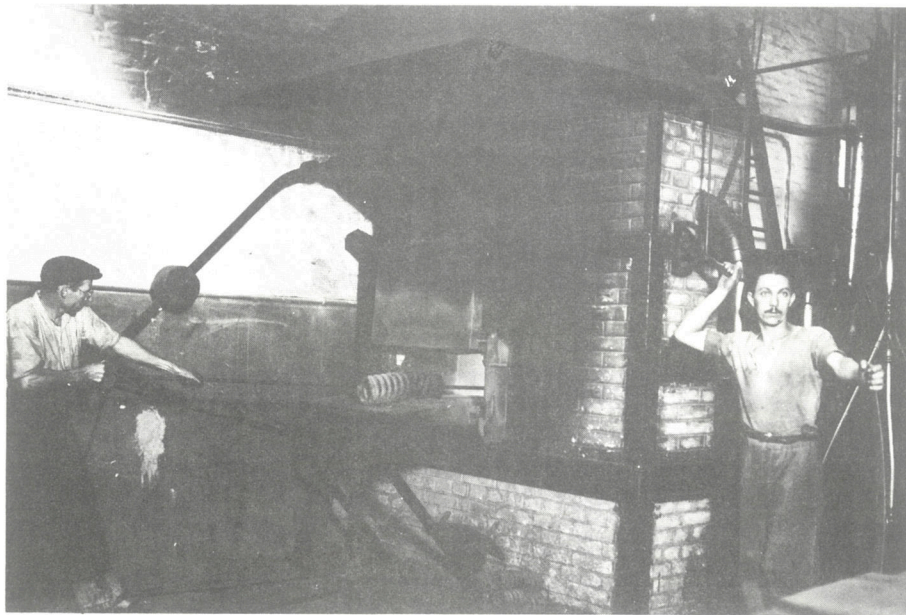
Segundo o projeto de construção das Oficinas Gerais, uma caixa d'água com capacidade para 50 mil galões fazia a provisão de água e a proteção contra incêndios. Os edifícios da Serraria, Almojarifado, Caldeiraria e Escritório Geral eram sustentados com armações e vigas de metal. As janelas e as portas, de grandes dimensões, garantiam a ventilação nos interiores e os telhados, com clarabóias, aproveitavam a iluminação natural. Na entrada, uma guarita centralizava os relógios e cartões-de-ponto.

Três anos depois, em 1917, outra carta enviada a Edgard de Souza continha a planta definitiva das linhas de bondes que chegariam à garagem da rua Lavapés. No mesmo ano, a Light confirmava as condições dos prédios em receber os encanamentos de esgotos. Já em julho de 1925, um ofício sobre a ampliação das instalações propunha a construção de um departamento de mecânica na parte nordeste do terreno e dois pavilhões para depósito de tintas, óleos, vernizes e para a preparação desses materiais, além de um compartimento reservado à pintura de veículos.

Até a década de 1950, as Oficinas Gerais do Cambuci viveram época de expansão e chegaram a contar



Seção de Mecânica, em 1939



A forja da fundição, em 1939

com quase dois mil funcionários. Ali faziam a conservação das carrocerias e bancos de bondes elétricos, a pintura e o envernizamento. “Os bondes importados do Canadá chegavam em partes e a montagem era feita aqui mesmo”, lembra Agnelo Pifani, 76 anos, desenhista na Light entre 1928 e 1934. “Com o tempo, porém, as peças importadas foram substituídas pelas fabricadas na Lavapés.”

Além dos bondes, com a construção das usinas, também no início do século, os funcionários do Cambuci cuidavam da energia elétrica. Faziam a montagem das máquinas, a manutenção das rodas de turbina, dos motores, geradores e equipamentos auxiliares. O setor de Mecânica era

responsável pelas estruturas metálicas das linhas e cabos para transmissão de energia na parte de transporte.

O sistema de trabalho misto das oficinas – transporte e eletricidade – durou até 1948, quando os bondes passaram à responsabilidade da Companhia Municipal de Transportes Coletivos – CMTCC. “Na ocasião da transferência dos bondes, vários trabalhadores resistiram a mudar de empresa e lutaram para permanecer na Light”, conta Jairo de Lima, o mais antigo funcionário da Lavapés, na ativa desde 1947. “E acabaram sendo remanejados para outras áreas.”

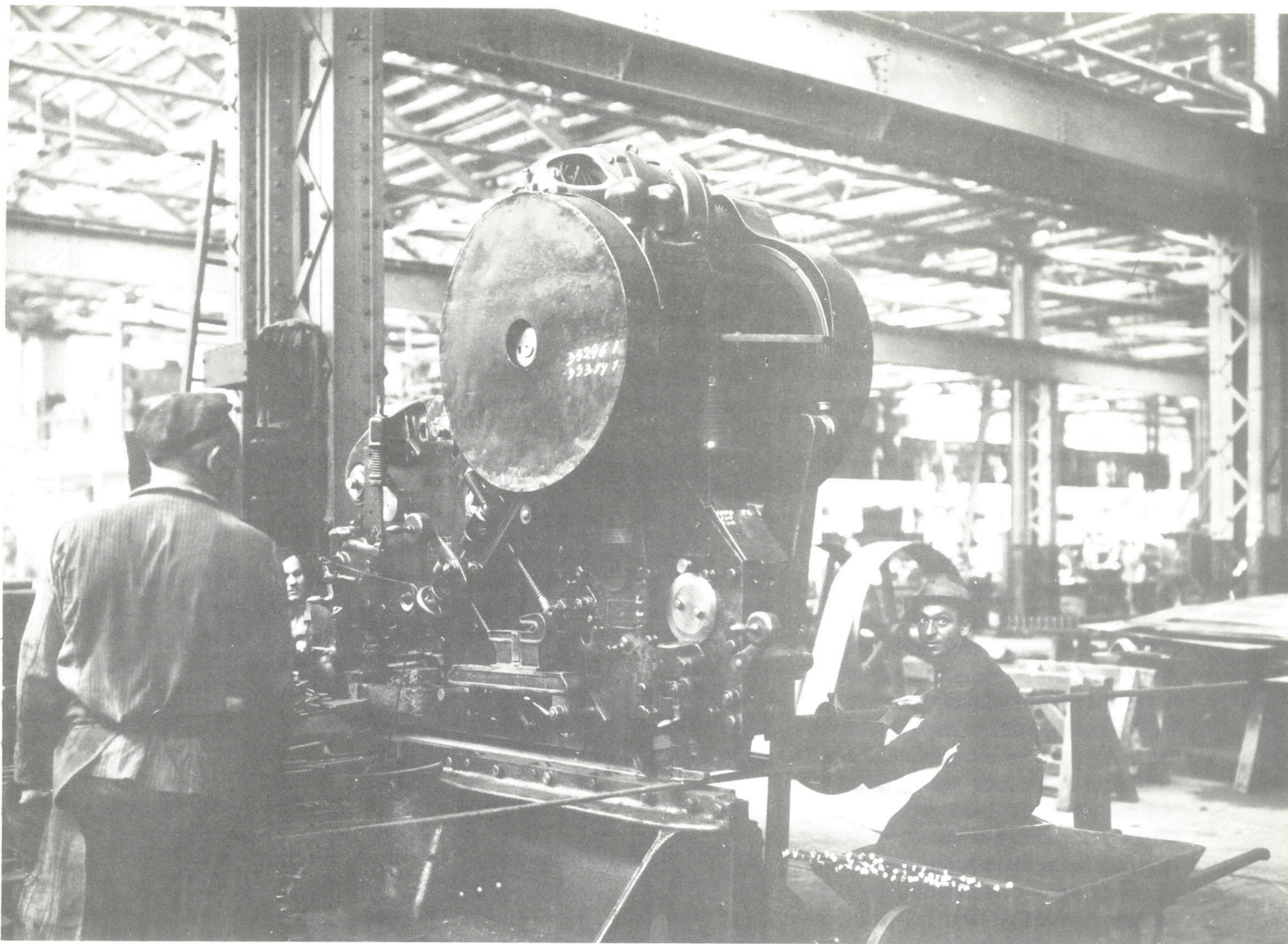
No final dos anos 40, portanto, as



Seção de Mecânica



Soldador lightiano



Seção de Mecânica, em 1939



Soldador lightiano, em 1939

Oficinas ficaram com os equipamentos eletromecânicos das usinas e estações da companhia e com os veículos infernos. Nessa época, além da produção de todo o material necessário à distribuição de energia, fazia-se o reparo, a conservação e a reconstrução dos instrumentos usados no Cambuci, a manutenção de todos os escritórios e da aparelhagem de proteção contra fogo. “A maquinaria era muito bem conservada, do funcionamento ao aspecto”, recorda José Carlos Travessa, 51 anos, 31 de casa, atual encarregado da Refrigeração e Extintores de Incêndio.

Além da eficiência nos serviços, a Lavapés ficou famosa por outras razões. Em época de campanha salarial, os trabalhadores perguntavam: “Como anda a temperatura no Cambuci?” As Oficinas eram o termômetro político da Light. As primeiras greves partiram dali. A rígida disciplina – os chefes exigiam até ser

tratados por “mister” – ia perdendo espaço para o relacionamento democrático. A partir de 1950, os operários do Cambuci foram conquistando vitórias relevantes para o seu bem-estar no ambiente de trabalho.

#### DIAS DE FESTAS

As reuniões políticas realizavam-se no horário de almoço. Também nessa hora, ou depois do serviço, reuniam-se os times de futebol, os amantes da bocha e os praticantes de judô. Até banda de música, a “Furiosa”, com dez integrantes regidos pelo “velho Tomás”, animava as festas. E festas não faltavam. O dia do Cambuci ficou estabelecido em 15 de novembro. Era quando os operários traziam suas famílias para, num clima festivo, conhecer as instalações da companhia. “Ainda hoje, todo mês, na hora do pagamento, é recolhida contribuição para o Natal e

## AS OFICINAS DO CAMBUCI

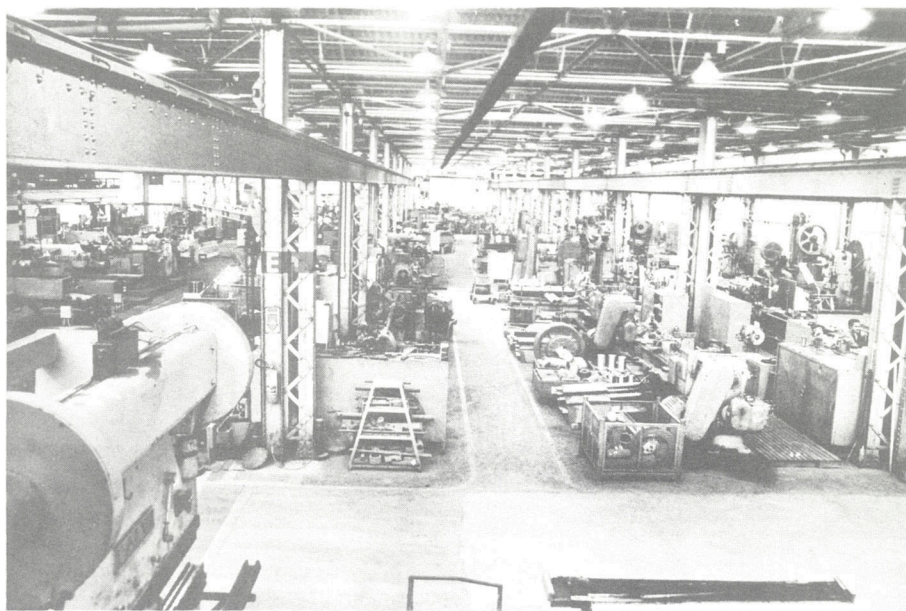
Ano Novo”, diz Eduardo Baroni, 47 anos, que, desde 1963, quando entrou na Light, participa da organização dos festejos.

A partir de 1970, com o desenvolvimento do parque industrial de São Paulo, foram desativados diversos setores das Oficinas, por exemplo, a Fábrica de Postes. Era mais barato para a companhia comprar equipamentos no mercado do que sustentar um esquema de produção. A fábrica abriu suas portas em 1915 na baixada do Glicério, passando para a rua Lavapés em 1956. Chegou a produzir 104 postes por dia. Um relatório anual de 1958 prestava contas: “Executaram-se cerca de onze mil unidades de concreto de dez diferentes tipos e recuperaram-se quinhentos postes de ferro”. Nessa época, “o trabalho era duro; o pessoal dobrava turno quase todos os dias para dar conta da demanda que não parava de crescer”, lembra Antonio Ribeiro, 67, aposentado depois de 32 anos de serviço à velha fábrica. Encarregado durante dez anos dos 150 homens que ali trabalhavam, Ribeiro confessa que ele mesmo fazia, em média, 170 horas-extras por mês. A fábrica encerrou suas atividades em 1972 e, em seguida, a Serraria e a Galvanização.

### SERVIÇO GARANTIDO

A Serraria da Light, a partir de troncos imensos de madeira, produzia pontilhões e ancoradouros para as usinas. Foi vendida em 1973. Três anos mais tarde seria a vez da Galvanização. Os banhos de ácido dados nas ferragens das torres de transmissão e rede de distribuição já haviam se tornado método obsoleto, além de consistir em atividade poluidora.

Também em outras divisões as



Interior das Oficinas Gerais, em 1988

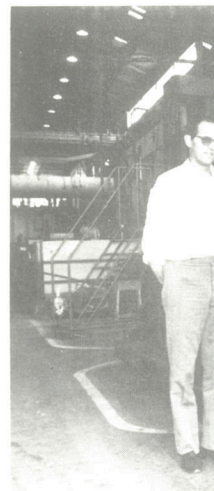


Transformadores no Cambuci, em 1988

atividades foram reduzidas. A Seção de Carpintaria, Selaria e Pintura fabricava modelos de madeira para a Fundição, adornos e anéis para os postes ornamentais e caixas da rede subterrânea. Além disso, fazia a pintura e a adaptação dos veículos.

Desde 1983, a Superintendência de Transportes vem utilizando o parque industrial de São Paulo para a manutenção da frota, e os outros serviços já não existem mais.

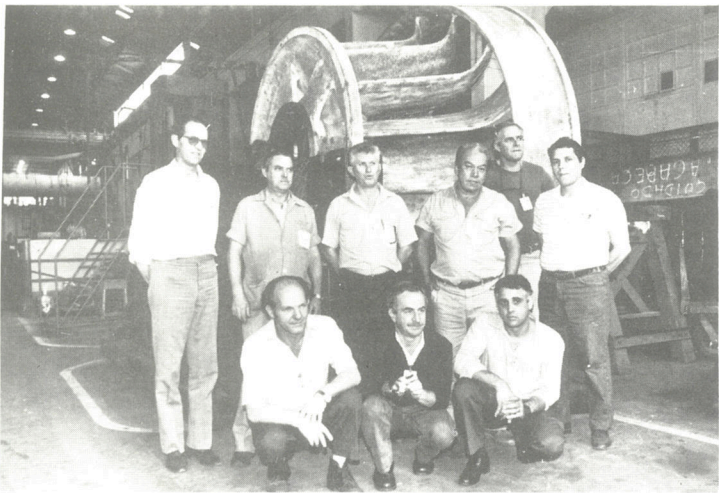
Outros setores continuam à toda. No final de 1988, a Seção de Car-



pintaria e Tapeçaria manutenção dos prédios Alexandre da Eletropaulo. É responsável pela produção das “metropolitanas” usadas pelos operadores estatais nas redes. “Enquanto o mercado da companhia materializa a fabricação de postes”, explica, há 21 anos no set-

A durabilidade dos materiais fabricados dá a garantia de um serviço não imprescindível, também inúmeros projetos foram realizados à Cesp (Cia. de Energia de São Paulo), Furnas e Companhia Paulista de Energia. Há as solicitações energéticas, em projetos ali desenvolvidos.

Com projetos de manutenção de transfo-



*Funcionários mais antigos: Travessa, Alfeu, Rebelato, Jairo, Walter e José Carlos (em pé). Mazola, André e Luís*



*Agnelo Pifani, Mário de Almeida, Mário Masiero (aposentados), Adelino Ramos, Eduardo Baroni e Carlos: alto grau de profissionalismo*

pintaria e Tapeçaria prosseguia na manutenção dos móveis antigos do prédio Alexandre Mackenzie – sede da Eletropaulo. Também era a responsável pela produção das escadas “metropolitanas” e de extensão, usadas pelos operários da empresa estatal nas redes de distribuição. “Enquanto o mercado não oferecer à companhia material totalmente confiável, a fabricação correrá por nossa conta”, explica Adelino Ramos, 48, há 21 anos no setor.

A durabilidade e diversidade dos materiais fabricados nas Oficinas dão a garantia de que elas continuarão imprescindíveis à empresa. São também inúmeros os serviços prestados à Cesp (Centrais Elétricas de São Paulo), Furnas e CPFL (Companhia Paulista de Força e Luz). E várias as solicitações de visitas de energéticas, em busca de conhecimentos ali desenvolvidos.

Com projetos de novas instalações, como um prédio para a manutenção de transformadores de força e

um restaurante a ser inaugurado em 1988, as Oficinas Gerais não deixam de pensar no futuro. O atual superintendente, Donato Robortella, 41 anos, engenheiro, há 18 anos na companhia, resume a filosofia de trabalho: total garantia de operacionalidade e progressiva melhoria da qualidade técnica dos serviços. “Aqui, os trabalhadores enfrentam a todo momento situações emergenciais, o que os obriga a encontrar alternativas para questões de toda a ordem”, afirma o superintendente.

Nas atuais dependências do Cambuci funcionam três departamentos, divididos sucessivamente em nove divisões, catorze seções e 22 oficinas. Com seus 723 funcionários, as Oficinas Gerais continuam com força total. “Elas dão conta de qualquer recado; só não fabricam dinheiro porque o governo não permite”, resume Robortella. △

#### DE PAI PARA FILHO

Era alto o grau de profissionalismo na rua Lavapés. “Dentre os quase oitocentos homens que, do portão para dentro, realizam um dos mais variados, volumosos e importantes serviços de oficinas da América do Sul, mais de 90% operam nos setores da produção com nível funcional elevadíssimo”, constatava a revista *Notícias da Light*, em maio de 1955.

Na verdade, havia ali uma política de formação e aperfeiçoamento de profissionais inédita para a época. “Os novos funcionários passavam por três anos de aprendizado nos cursos do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), intercalados pelo treinamento prático em todas as seções das Oficinas”, explica José Carlos Francisco, atual chefe da Caldeiraria, que entrou em 1959 como aprendiz de caldeireiro. “Só aí é que eles passavam à categoria de ajudantes de artífice.” Muitos deles

viraram mestres. Pedro Kiçzegi, o “Mazola” – lá todo mundo tem apelido –, formado torneiro mecânico pelo Senai, entrou como aprendiz na Seção de Máquinas e Operatrizes. Depois de 32 anos de casa, é o encarregado da Seção.

“Afora os companheiros que vinham através do convênio com escolas, muitos outros colegas eram estrangeiros, na sua maioria italianos, espanhóis e alemães, que imigravam trazendo na bagagem a experiência de seus países”, ressalta Walter dos Santos Cruz, 46 anos, 26 na empresa, ele próprio filho de um funcionário da Light.

Muitos filhos de funcionários, crescidos, vinham trabalhar na “casa”. Mateus de Souza, 60 anos, entrou na Light em 1949, na Fábrica de Postes. Hoje aposentado, é pai de sete filhos: seis estão empregados na companhia, dois deles nas Oficinas.



## PRESERVANDO A MEMÓRIA

Almino Affonso

**E**m 1984, já no ocaso do Regime Militar, uma pequena nota no jornal deixou-me ainda mais preocupado com a preservação da memória do país. Num diário carioca contava-se a insólita história do contador João David dos Santos, que recebera do Centro Latino-Americano de Pesquisa e Ciências Sociais, órgão ligado à Unesco, milhares de livros e periódicos, como parte de uma indenização trabalhista. No meio do acervo havia, por exemplo, o estatuto da primeira liga camponesa formada por Francisco Julião e uma coleção completa sobre os dois governos de Getúlio Vargas.

Carente de dinheiro, o contador procurou vários compradores para o importante material histórico. Infelizmente, não conseguiu revendê-lo. Algum tempo depois, fez negócio com um depósito de papel, que repassou todo o acervo para uma fábrica de papel higiênico.

Triste fim para uma parte da nossa história recente. Repetia-se, de outra forma e quase um século depois, uma atitude que até hoje escandaliza nossos pesquisadores: a queima de documentos sobre o período escravocrata, em 1890, por ordem do então ministro da Fazenda, Rui Barbosa. Apesar de considerá-lo uma das maiores expressões da política brasileira, o "Águia de Haia", neste caso, desfalcou a pesquisa histórica de um período importante do país.

É impossível afirmar que não tenhamos preciosos acervos legados ao abandono, mas vivemos outros tempos. Atualmente, empresas privadas saem em busca do passado perdido, reconstituindo o pioneirismo e a evolução industriais. Na área pública, um exemplo é o da Eletropaulo – Eletricidade de São Paulo S.A. Em sua filosofia de trabalho inclui-se a preservação de imóveis, objetos e documentos de grande valor histórico. Através de publicações, como a revista *Memória*, divulga amplamente seu acervo e faz um levantamento da história da energia elétrica. Por esta iniciativa, podemos acompanhar a trajetória da Light, empresa canadense fundada em São Paulo em 1899, e também a metamorfose paulistana ao longo dos anos. Assim, manifesta-se na empresa o empenho pela democratização da informação e da preservação da memória, da cultura e da própria identidade nacional. Nesta estatal, historiadores, cientistas sociais, pesquisadores e o público em geral têm acesso às atividades do passado, numa atitude de transparência ligada aos avanços democráticos mais consequentes dos últimos anos. Oxalá esta iniciativa possa converter-se num exemplo a ser seguido pelas demais empresas estatais, contribuindo para a preservação crescente de nossa memória histórica. △

Almino Affonso é vice-governador do Estado de São Paulo

## EXPEDIENTE

---

**ELETROPAULO – ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S.A.**

### CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

#### Presidente

João Oswaldo Leiva

#### Vice-presidente

Einar Alberto Kok

#### Conselheiros

Alfredo Almeida Júnior, Antero Patrício Silvestre, Antonio Carlos Tatit Holpz, Carlos Nelson Bueno, Cássio Paulo França Domingues, Flávio Nelson da Costa Chaves, João Pacheco e Chaves, Murilo Macedo, Rubens Resstel, Tito Enrique da Silva Neto, Tullio Romano Cordeiro de Mello

### DIRETORIA

#### Presidente

Alfredo Almeida Júnior

#### Diretores

Alvair Augusto Jacinto, José Ivandro Dourado Rodrigues, Laerte Martins, Lívio Antonio Giosa, Marcello Oreste Bogaert, Reynaldo Maffei

#### Superintendência de Comunicação

Audálio Dantas

#### Departamento de Patrimônio Histórico

José Alfredo O. V. Pontes

## MEMÓRIA

### Conselho Editorial

Arnaldo Jubelini Júnior, Audálio Dantas, Benjamin Abdalla Junior, José Alfredo O. V. Pontes, Jefferson Del Rios, José Luiz Lima, Odette Seabra, Reynaldo Maffei, Ricardo Ramos, Ruy Gama

### Editor

Roniwalter Jatobá

### Redação

Edsel O Britto, Eduardo G. Zebini, Marta Toledo Dias, Milena de Castro Silveira, Mônica Violante

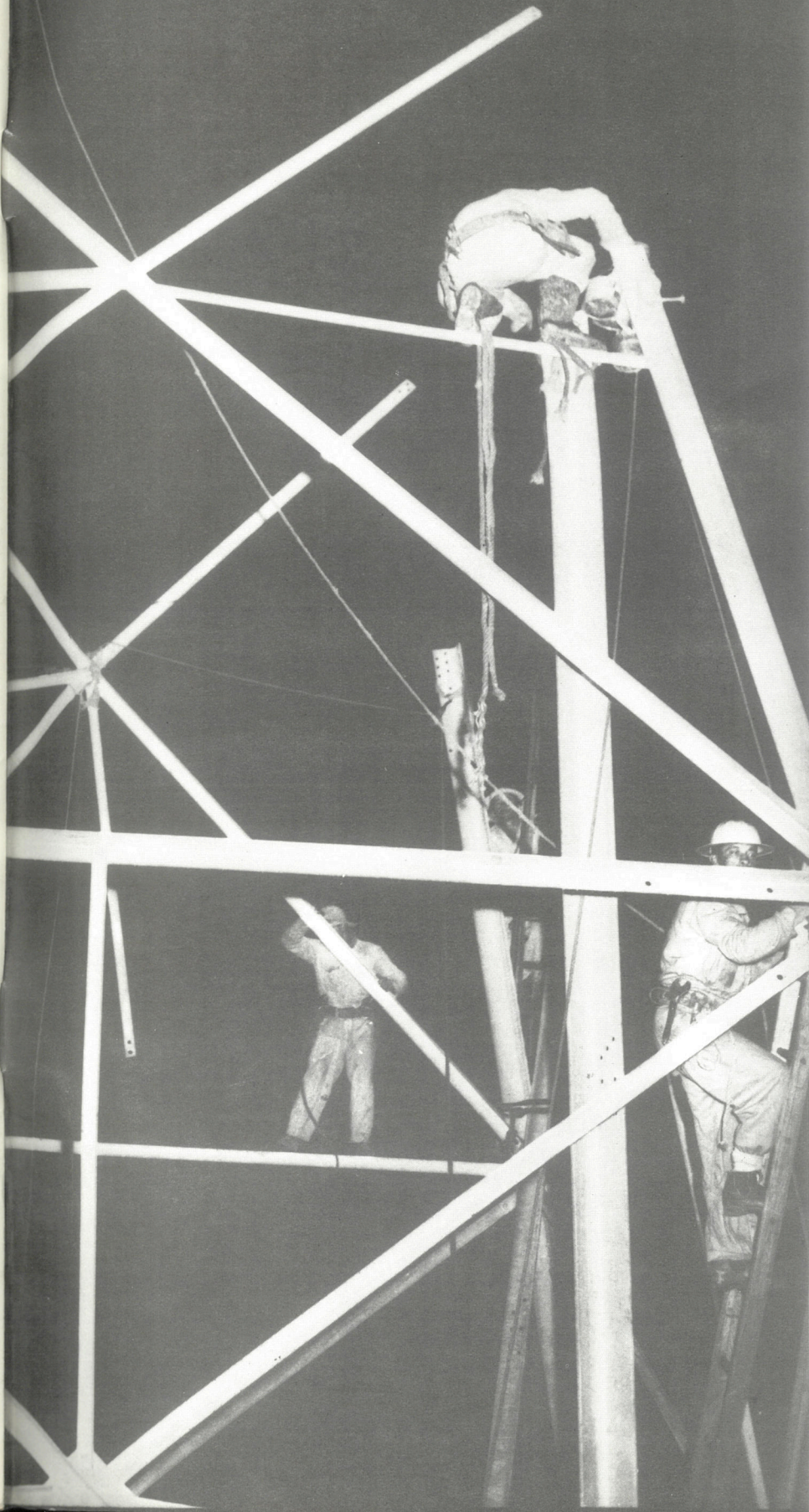
### Arte

Marilda Campagnoli de Vilhena, Pedro Antonio Cortizas Domínguez, Júlio Cezar Morelli

### Colaboradores

*Texto:* Antonio C. Augusto, José Alfredo O. V. Pontes, José Antonio Segatto, Nádia Battella Gotlib, Ricardo Maranhão; *Pesquisa de texto:* Rosane Tróia, Tânia Cristina Ferreira; *Pesquisa de fotos:* Carlos Sérgio da C. Lima (coordenador), Rubens Carotenuto, Kenzi Oyama (laboratório fotográfico)  
*Apoio Administrativo:* F. E. Bezerra de Menezes (distribuição)

**Memória** é uma publicação da Superintendência de Comunicação da Eletropaulo, editada pelo Departamento de Patrimônio Histórico.  
**Redação e Correspondência:** rua Cel. Xavier de Toledo, 23 CEP 01048. Tels.: 239-6878 / 239-6385. **Tiragem:** 5.000 exemplares.  
**Composição, fotolitos, impressão e acabamento:** Gráfica da Eletropaulo.



# ESTAMOS LIGADOS NAS QUESTÕES NACIONAIS

